



**CENTRO UNIVERSITÁRIO DE BRASÍLIA – UniCEUB
FACULDADE DE CIÊNCIAS DA SAÚDE – FACS
CURSO DE PSICOLOGIA**

MONOGRAFIA

**ENVELHECIMENTO E MÍDIA:
UM ESTUDO DE CASO**

Jamille Mamed Bomfim

Orientador: Prof. Dr. Fernando Rey

BRASÍLIA
Novembro/2005

Jamille Mamed Bomfim

**ENVELHECIMENTO E MÍDIA:
UM ESTUDO DE CASO**

Monografia apresentada como requisito para conclusão do curso de Psicologia do UniCEUB – Centro Universitário de Brasília, sob a orientação do Prof. Dr. Fernando Rey

Brasília, Novembro de 2005

RESUMO

O tema do envelhecimento e a mídia serão abordados neste estudo a partir de um referencial histórico-cultural e com utilização de metodologia qualitativa. As publicidades vinculadas na mídia impressa são importantes instrumentos para compreendermos processos subjetivos que perpassam a velhice e o imaginário que a cerca. Neste trabalho buscaremos, portanto, analisar e compreender de que forma materiais publicitários vinculados na mídia impressa podem servir de instrumento para a compreensão de processos de subjetivação. Assim, buscaremos descrever aspectos psicológicos, subjetivos e mitos associados à velhice e ao consumo.

Palavras-chave: subjetividade, envelhecimento, mídia.

SUMÁRIO

Resumo	03
1. Introduzindo a problemática: subjetividade, envelhecimento e mídia	05
1.1 A construção social da velhice	10
1.2 Panorama mundial e brasileiro do envelhecimento	14
1.3 Mídia e envelhecimento	20
2. Referencial Metodológico: pesquisa qualitativa em subjetividade.....	22
3. Estudo de Caso	28
4. Considerações finais	41
5. Apêndices	43
a. Completamento de frases	43
b. Entrevista - Transcrição da primeira sessão	44
c. Entrevista - Transcrição da segunda sessão	53
6. Anexos	56
5. Referências Bibliográficas	66

**INTRODUZINDO A PROBLEMÁTICA:
Subjetividade, Envelhecimento e Mídia**

O tema do envelhecimento e a mídia serão abordados neste estudo a partir de um referencial histórico-cultural. Este vai além do pensamento positivista e universalista dominante no conhecimento psicológico moderno e nos permite pensar a historicidade e o caráter cultural da experiência humana.

Segundo Dora Schinitman, em seu livro: *Novos paradigmas, cultura e subjetividade*, “tanto a ciência como a cultura são processos *construtores de e construídos por* processos sociais”. Assim, não podemos falar na construção do pensamento científico sem abordarmos o contexto histórico, político, cultural, espacial e social em que se desenvolveu e enraizou.

A ciência moderna, também denominada cartesiana, na medida em que buscou ser objetiva, dicotomizou a vida e a ciência. Operou com o postulado de que o cientista deveria ser um observador neutro da realidade (Schinitman 1993). De forma que partia do pressuposto de que a neutralidade total poderia ser alcançada.

Outro autor de grande relevância quanto à essa temática é o cientista social francês Edgar Morin. Em seu texto, *A noção de sujeito*, 1996, sustenta que a modernidade excluiu o sujeito da produção científica. Assim, o indivíduo observado, estudado, era visto como desprovido de autonomia e aspectos subjetivos. Partia, portanto, de uma visão mecanicista e determinista. Sendo assim, a modernidade constituiu uma ciência, linear, objetiva e que buscava previsibilidade e segurança.

A teoria da subjetividade desenvolvida por González Rey na qual nos apoiaremos para desenvolver este estudo não se encontra inserida no paradigma da ciência moderna apresentado aqui. Está situada em um modelo de pensamento distinto, pós-moderno, e que vamos abordar a partir deste momento.

Dentro desse paradigma, a previsibilidade se torna impossível. Os sistemas são vistos como complexos. Como consequência, temos a noção de que a realidade é uma

construção social, dinâmica e não-linear. Assim, vida e ciência se encontram (Schinitman 1993).

Compreendemos o envelhecimento como um processo complexo e qualitativo no qual o sujeito que envelhece exerce um papel ativo. Desta forma, trabalharemos com uma conceituação aberta, em constante construção.

Por sua vez, a concepção de complexidade na qual nos apoiamos tem como grande difusor Edgar Morin. Este autor em seu artigo: Epistemologia da complexidade, 1996, merece atenção, a seguinte explicação:

Pode-se dizer que há complexidade onde quer que se produza um emaranhamento de ações, de interações, de retroações. E esse emaranhamento é tal que nem um computador poderia captar todos os processos em curso... a organização é o que liga um sistema, que é um todo constituído de elementos encaixados e articulados.

Sendo assim, podemos pensar o caráter dinâmico e rico da experiência humana. Buscar causas e origens absolutas torna-se tarefa inviável. O que se pode galgar é compreender como alguns componentes são articulados e integrados no sistema enfocado.

Quando nos deparamos com conceituações fechadas percebemos que vários elementos constituintes do referido sistema, elementos estes que podem ser conscientes, ou não, são negligenciados. Tem-se uma compreensão fragmentada que perde a visão do todo.

O envelhecimento não pode ser visto apenas em suas implicações físicas, sociais, culturais, subjetivas, ou psíquicas. Trata-se de uma construção que perpassa inúmeros fatores que não poderiam ser descritos em sua plenitude. Esta é uma clareza necessária à pesquisa e prática psicológica.

Para melhor apreendermos a afirmação de que o processo de envelhecimento é qualitativo vamos trazer a categoria configuração de sentido. Este termo remete que os processos psicológicos dos indivíduos são diferenciados de forma qualitativa entre si. Ou seja, permite pensarmos em singularidade sem perdermos a noção de

complexidade. Em seu livro Pesquisa qualitativa em psicologia (2002), Fernando González Rey trás a seguinte reflexão acerca dessa perspectiva:

Todo conteúdo da experiência aparece subjetivado em configurações, pelas quais adquire sentido subjetivo na sua integração com outros estados dinâmicos. Essa integração não é uma soma aditiva dos elementos que a integram, mas um novo momento qualitativo, que se define por seu funcionamento e sentido subjetivo dentro dos espaços dinâmicos comprometidos com a sua aparição (pp. 39).

Cabe ressaltar que compreendemos por sentido subjetivo as redes de processos simbólicos e emocionais que caracterizam o relacionamento do sujeito com o mundo (Rey, 2003). Diferencia-se de significado porque este é um código simbólico compartilhado pelo grupo social. Portanto, não envolve questões emocionais nem engloba a singularidade do sujeito.

Em outro momento o autor elabora esta categoria da seguinte forma:

Denomino esta integração de elementos de sentido e de significação que caracteriza a organização subjetiva de um âmbito da experiência do sujeito – e que assumem estruturas diferentes no curso de suas ações – como configurações subjetivas que, na minha opinião, representam a unidade fundamental para o estudo da personalidade (Rey apud Martínez, 2005, pp.18).

Pode-se afirmar que as configurações de sentido são relativamente estáveis. Isto porque, associam-se a produções de sentidos subjetivos que são anteriores ao momento presente de ação do sujeito e pressiona a construção de sentidos em uma nova ação (Rey, 2005, pp. 35).

Neste momento de nosso desenvolvimento teórico, faz-se necessário discutirmos a maneira como vamos conceber a subjetividade em nosso estudo que, como já foi colocado, é sustentado pela Teoria da Subjetividade de González Rey.

De acordo com ponto de vista sobre a subjetividade que estamos adotando, esta não se refere a processos psíquicos automáticos que estão presentes nos diversos animais. Trata-se, isto sim, do que diferencia qualitativamente o homem. Assim,

corresponde a um nível de desenvolvimento da psique que não responde mais a uma ordem biológica, mas passa a responder a um nível simbólico, cultural.

González Rey (2004, pg.125-126) ressalta que esta categoria proporciona a compreensão de diversas possibilidades de produção psíquica, específicas de cenários sociais e culturais. Assim, o subjetivo não pode ser separado do contexto e da organização social. Desenvolvimento psíquico humano e cultura estão intrincados através de processos diferenciados e contraditórios, são inseparáveis. Trata-se de um posicionamento dialógico e discursivo que permite o reconhecimento do caráter complexo da subjetividade.

A respeito, o autor apresenta a seguinte conceituação de subjetividade:

A subjetividade é um sistema complexo que, de forma permanente, está submetido à tensão da ruptura e que, portanto, não é previsível quanto às suas formas de expressão singular, pois entre o comportamento e configuração subjetiva não existe relação linear nem isomórfica (Rey, 2005, pp.36).

Outro ponto importante é que a subjetividade é flexível e versátil. Por isso o homem é capaz de criar processos culturais que transformam seu modo de vida, o que leva a reconstituição da subjetividade social e individual (Rey, 2002). Ou seja, a perspectiva apresentada leva em consideração o dinamismo dos processos subjetivos. Tal noção é bastante positiva, pois abre possibilidades de mudanças e reconstituições destes processos.

A subjetividade individual se refere a processos subjetivos que se dão em histórias diferenciadas de sujeitos singulares (Rey, 2004). Processos de subjetivação individual estão sempre articulados com os sistemas de relações sociais; portanto, têm um momento de expressão no nível individual, e um outro no nível social, ambos gerando conseqüências diferentes, que se integram em dois sistemas da própria tensão recíproca em que coexistem, que são a subjetividade social e a individual.(Rey, 2003).

Por sua vez, compreende-se a subjetividade social como sendo o produto de processos de significação e também de sentido que constituem cenários da vida social.

Estes dão forma aos meios em que as pessoas vivem, caracterizando os sistemas de relações sociais (Rey, 2003).

Em outro momento o autor trás a seguinte definição acerca de Subjetividade Social:

...o sistema integral de configurações subjetivas (grupais ou individuais) que se articulam nos vários níveis da vida social, envolvendo-se de maneira diferenciada nas várias instituições, grupos e formações de uma sociedade concreta (Rey, 2004, pp. 146 apud, Rey 2003).

Por esta perspectiva, os processos sociais deixam de ser vistos como externos em relação ao indivíduo, para serem vistos como processos dos quais o indivíduo é construtor e pelos quais é, também, constituído.

Assim, ressaltamos que não há um determinismo linear social sobre a subjetividade individual. O que há, outrossim, é um processo de integração, que ocorre de forma concomitante, entre estes dois sistemas (Rey, 2002).

A relação entre subjetividade social e individual se evidencia na medida em que, a condição de sujeito individual se define somente dentro do tecido social em que o homem vive. Assim, os processos de subjetividade individual são um momento da subjetividade social, porém, um não se dilui no outro, um não se confunde com o outro. E, portanto, isso não tem que ser visto como algo estático, mas em movimento permanente, em um processo, daí o seu caráter dialético e aberto.

Neste estudo buscamos compreender o envelhecimento como construção subjetiva. Esta se expressa em um nível social e individual que estão intrincados, emaranhados, não podem ser isolados. Ambos os níveis são momentos essenciais para a construção de sentidos.

Conseqüentemente, o entendimento que o sujeito tem da velhice é uma construção que lhe proporciona entrar em contato com o mundo em que vive. Constitui, então uma zona de sentido. Esta categoria é delimitada por González Rey da seguinte forma:

Uma zona de sentido representa sempre uma forma de inteligibilidade sobre a realidade, e não uma correspondência

com a realidade; mas essa inteligibilidade é possível porque a construção teórica é capaz de entrar em contato com atributos da realidade que “dão vida”, em termos de conhecimento, a uma determinada peça teórica, o que não significa ser esta peça um reflexo do conhecido (2005, pp. 32).

Desta forma, o sujeito que envelhece exerce um papel ativo neste processo que apesar de ser socialmente delimitado, configura-se de forma muito particular. Compreendemos, portanto, o homem como sujeito que ao longo da vida participa energicamente de seu envelhecimento.

1.1 A construção social da velhice

Neste momento de nosso estudo acreditamos ser importante discorrer brevemente acerca de como a velhice vem sendo apreendida ao longo da história dominante do ocidente. A carência de estudos e relatos com este enfoque mostrou-se evidente no desenrolar de nossa pesquisa, o que marca a negligência que esta temática vem sofrendo no decorrer do tempo.

Desta forma, é explícita a necessidade de que novos estudos sejam desenvolvidos. Para adentrarmos esta problemática, nos basearemos no livro *Envejecer em el Siglo XXI: Historia y Perspectivas de la Vejez*, de Eva Muchnik.

A autora ressalta que sempre existiram pessoas mais velhas em relação ao contexto histórico e cultural em que viveram. Assim, a velhice sempre foi, de alguma forma, discutida. No entanto é apenas na segunda metade do século XX que começa a ser vista como um fenômeno social que preocupa e demanda atenção política e social pelas intensas transformações demográficas que abordaremos mais adiante neste estudo.

Na idade antiga a velhice era raramente encarada. Isto, porque, a expectativa de vida era muito menor que nos dias atuais. Assim, a maioria das pessoas morria desfrutando de pleno vigor físico. A juventude era representada como esplendor e potência. Já a velhice se associava à debilidade física.

No entanto, neste período a juventude e a velhice não remetiam a uma idade cronológica. Estes construtos estavam associados à aparência física dos indivíduos, a seus comportamentos e a forma como as pessoas se percebiam e eram percebidas pelos outros.

Já na idade média, surge a concepção cristã de que a velhice é a última fase da vida e uma preparação para a morte. Assim, envelhecer é estar mais próximo dos momentos finais e da providência divina.

Neste período, excetuando-se os senhores, bispos, reis e papas, pessoas que dispunham das melhores condições de vida, os velhos pareciam não ter espaço social. O povo e os guerreiros dependiam de sua força física para desempenhar suas atividades funcionais. Desta forma, tinham reconhecido valor enquanto durasse a força física que dispunham. O clero também era majoritariamente jovem. No entanto, era nos mosteiros que se podia encontrar uma maior proporção de indivíduos idosos.

Ainda neste período, a velhice não está associada idade cronológica das pessoas e sim a aparência e etapa de vida, como ilustra a autora no seguinte trecho:

La edad Media no posee un esquema de edad. No obstante, algunos autores señan la existência de una identidad simbólica para cada etapa de la vida humana y la de un juicio acerca de las virtudes de cada una de ellas, aunque no existe aún una evaluación basada em una realidad biológica o social (pp.35).

Legalmente o velho passa a ter algumas distinções legais durante este período, privilégios. Assim, pessoas que já passavam da faixa etária dos 60, 70 anos, eram dispensadas de obrigações militares, em alguns casos, do pagamento de impostos. Este grupo juntamente com as mulheres e crianças eram minoritários na medida em que não dispunham do vigor físico desejado naquela sociedade.

A autora ainda acrescenta que os estereótipos negativos acerca da velhice parecem ganhar mais forma no final deste período medieval quando o velho é percebido pelo seu deterioramento físico e mental. No entanto, são destacadas a relação do corpo com a alma. Assim, surge um certo interesse pelas virtudes associadas à idade avançada.

Durante o renascimento, séc XVI, ocorrem fortes transformações sociais e culturais. Neste intervalo de tempo, a juventude é exaltada, cultuada, como sendo um momento de plenitude, apesar das referências cronológicas ainda serem escassas. A autora destaca este momento da seguinte forma:

Esta época también es conocida como la Edad de Oro de la juventud porque se halla asociada a un concepto de belleza idealizada exaltado por los artistas de la época. Basta recordar, como ejemplos, las bellas figuras de Botticelli o de Rafael. Pues en el humanismo renacentista aún perdura una valoración social negativa de la última etapa de la vida, heredada de la Edad Media (pp.36).

A aparição e desenvolvimento da imprensa, nos séculos XV e XVI, também colaboraram para que esta imagem da velhice se enraizasse e disseminasse. Neste contexto são publicados tratados de medicina geral que trazem preocupações com enfermidades e procedimentos crônicos que estão presentes no adulto de idade avançada, nos longevos (Muchnik apud Granjel, 1991).

A sociedade moderna do século XVII ainda carrega uma perspectiva bastante confusa acerca das idades e da entrada na velhice. A medicina igualmente não apresenta esta clareza e segue influenciada por concepções medievais associadas à temática. Desta forma, não há um perfil definido para os idosos.

Assim como em todos os períodos da história, na idade moderna o envelhecimento é visto de forma diferenciada de acordo com o status social de quem envelhece. A oportunidade de envelhecer pertencendo à sociedade e obtendo seu reconhecimento constituía um privilégio das elites. Estas conservavam a associação de envelhecimento com retiro espiritual e político de modo que os homens que dispunham de maior poder tinham seu envelhecimento visto como uma conquista.

Como podemos perceber as representações da velhice até este período são pouco delimitadas. Assim, o envelhecimento é concebido como uma etapa do ciclo vital pouco diferenciada e representada socialmente.

É apenas no desenrolar do século XVIII que as representações sobre o envelhecimento incorporam elementos significativamente inovadores em relação ao

pensamento predominante desde a idade média. Neste período começam a surgir definições cronológicas para a velhice.

Assim, os grupos etários se estabelecem e surge a idéia de uma idade em que se inicia a velhice. Esta categorização nasce de necessidades administrativas, sociopolíticas e pragmáticas, onde a figura do velho está associada a pouca funcionalidade social.

É apenas no final deste século que a velhice ganha um novo espaço social. A autora lembra que Gutton considera este o “siglo del nacimiento del viejo”. A figura dos avós torna-se integrante da família, ganha um espaço e papel social mais definidos.

Por outro lado é abalada a noção de que a velhice é uma fase de preparação para a morte. Aparece, também, a percepção de que o velho pode viver uma vida mais ativa e independente, permitindo o convívio intergeracional.

Destaca-se, ainda, a construção da família patriarcal. Neste contexto o patriarca, em geral a pessoa mais velha da família, estabelecia obrigações aos filhos. Trata-se de uma concepção vinculada à imagem dos poucos indivíduos velhos que dispunham de poder e patrimônio na sociedade. Ou seja, esta noção não está estritamente relacionada a afeto e respeito entre gerações. Há, também, uma questão de poder e gênero.

O século XIX é marcado por um grande desenvolvimento da medicina e pelo crescimento da expectativa de vida que se explicitam nas últimas décadas deste século. Também as mudanças nas condições de vida da população urbana e das condições do trabalho até o início do século seguinte implicam radicais mutações na forma como o envelhecimento passa a ser visto.

Ganham espaço discussões que abordam a diminuição da população economicamente ativa e o crescente investimento em pensões e aposentadorias destinadas aos idosos. Trata-se, desta forma, de novas preocupações e perspectivas econômicas. Surge a relação entre demografia e desenvolvimento econômico.

Desta forma, a representação da velhice sofre intensas transformações, como ressalta a autora no seguinte trecho de seu estudo:

La vejez se transforma em um problema social. La imagen negativa sobre la ancianidad ahora es revestida por uma

reflexión demográfica moderna, cuyas insinuaciones formuladas a veces em nombre de la ciência no consideran que las condiciones de salud se han modificado ni analizan la autonomia de muchos viejos em esta nueva sociedad que no demanda fortaleza física (pp. 45).

As conquistas científicas e transformações sociais do século XX que implicaram no espantoso crescimento da expectativa de vida da população e, também, culminaram na radical e presente transformação demográfica que constitui o grande desafio do século XXI. Estamos vislumbrando conflitos e carências em potencial que são o resultado da possibilidade de se viver numa sociedade envelhecida onde o número de idosos deve superar o de jovens.

1.2 Panorama mundial e brasileiro do envelhecimento

O envelhecimento da população é um processo global e irreversível que implica transformações e demandas urgentes em diversos setores e níveis da organização social. Estas perpassam aspectos políticos, culturais, econômicos e psicológicos.

É importante ressaltarmos que não se trata de uma temática recentemente constatada. Garrido, 2002, destaca que diversos países como China, Japão, países europeus, e da América do Norte já discutem e vivenciam os imperativos conseqüentes do envelhecimento de suas populações há algum tempo. De fato, as condições socioeconômicas destes contextos propiciam uma maior expectativa de vida.

Segundo dados da Organização das Nações Unidas, ONU, no ano 2050 o número de idosos no mundo será superior ao de jovens. Este é um fenômeno constatado em alguns países desenvolvidos desde o ano 2000 o que explicita a maior familiaridade destas nações com a problemática aqui trazida.

José Olímpio Bento, 1999 unb, destaca que nos chamados países desenvolvidos, no período de 1950 a 2050, o número de jovens deve baixar de 219 milhões, o que equivale a 27% da população total, para 173 milhões, 15% da população. Em contrapartida o número de idosos tende a subir de 97 milhões, 12%, para 375 milhões ou 32,5% desta população.

Por sua vez, nos países em desenvolvimento, neste mesmo espaço de tempo, devem ver sua população jovem crescendo de 650 milhões, ou 38% da população total, para 1,5 bilhões que deverá equivaler a 20% desta população. Ou seja, apesar de um crescimento absoluto há um decréscimo da percentagem relativa. Já o número de idosos deverá pular de 110 milhões, 6.4%, para 1,6 bilhões, 26%. Estes dados explicitam a crescente necessidade de pesquisas e entendimentos sobre a drástica transformação demográfica que o mundo está passando.

O referido autor explica que o envelhecimento da população mundial se deve fundamentalmente por dois fatores. Primeiro pelo constante e significativo decréscimo das taxas de natalidade e, segundo, porque a longevidade aumenta constantemente enquanto os índices de mortalidade se contraem.

No Brasil este fenômeno se dá de forma análoga. Segundo publicação oficial do Ministério da Saúde:

Este fenômeno, que denominamos de transição demográfica, se caracteriza pela passagem de uma situação de alta mortalidade mais alta fecundidade, com uma população predominantemente jovem e em franca expansão, para uma de baixa mortalidade e, gradualmente, baixa fecundidade (Redes Estaduais de Atenção à Saúde do idoso, 2002, pp.7).

Ocorre que no Brasil sempre foi nutrida a concepção de sermos um país constituído essencialmente de jovens. O Ministério da Saúde em sua publicação Redes Estaduais de Atenção à Saúde do idoso, 2002, divulga que desde os anos 60 o aumento da população absoluta de pessoas com mais de 60 anos não atraiu a atenção de muitos. Até este período o crescimento dos grupos etários se dava de forma equilibrada, a estrutura etária da população mantinha-se, portanto, a mesma.

Ainda com base neste documento percebemos que desde o final do século XX a população idosa é a que vem apresentando maior crescimento proporcional. No período de 1950 a 2025 estipula-se que o crescimento desta faixa etária será 16 vezes superior ao da população total. Assim, o Brasil passará a ter a sexta população com maior número de idosos em todo o mundo. O que equivale a 32 milhões de pessoas.

Ainda demonstrando a radical mudança demográfica que estamos discutindo abordaremos o índice de envelhecimento brasileiro. Este representa o número de idosos para cada 100 indivíduos jovens. Segundo as estatísticas oficiais divulgadas pelo Ministério da Saúde (índices datasus), no Brasil, em 1991 este índice era 21 contra 35,4 no ano 2000.

Essas modificações demográficas vigentes têm algumas particularidades. Veras, Ramos e Kalache, 1987, ressaltam uma diversidade de gênero. Uma vez que historicamente, em nosso país, as mulheres estão menos expostas às causas de risco de trabalho; consomem menor quantidade de tabaco e álcool; utilizam mais os serviços de saúde, o que retrata uma diferença de atitude em relação à doenças e sintomas; e vêm dispendo de melhores serviços de assistência médico-obstétrica, têm maior expectativa de vida que os homens.

Desta forma, as esposas tendem a experienciar a viuvez com maior frequência que seus companheiros. Tal fator é reforçado pelo fato de que em nossa cultura as mulheres costumam se casar mais novas. Além disso, as estatísticas mostram que um segundo casamento é significativamente mais comum entre viúvos do que entre as viúvas. Em vista esses fatores podemos perceber como as mulheres muitas vezes passam por uma série eventos que favorecem o sentimento de solidão na velhice.

Outra decorrência da maior longevidade feminina é que em relação ao homem as mulheres acabam tendo que lidar com doenças crônicas por um maior espaço de tempo. Tal desafio muitas vezes é agravado pela solidão e diminuição de renda causada pela perda do companheiro.

Garrido, 2002, traça com bases estatísticas o seguinte perfil da população idosa em nosso país:

Em resumo, os idosos no Brasil hoje representam cerca de 10% da população geral. São na maioria mulheres, viúvas, com baixa escolaridade e com menor renda em relação a seus pares masculinos.

No entanto Veras, Ramos e Kalache,1987, destacam que na medida em que transformações sociais vêm sendo operadas, através da maior participação feminina

no mercado de trabalho e do acesso ampliado a espaços que anteriormente eram restritos aos homens, a expectativa de vida em ambos os gêneros tende a se aproximar.

Outra problemática que merece grande atenção ao falarmos de velhice, é a aposentadoria e suas implicações para a rede de relacionamentos do aposentado, e, conseqüentemente de sua saúde e bem-estar. Os autores referidos discutem que se por uma perspectiva a aposentadoria permite que o indivíduo após o tempo de trabalho e idade estipulados pela legislação possa ter disponibilidade para cuidar da própria saúde e limitar o dispêndio de energia com trabalho, mantendo-se financeiramente pelo sistema previdenciário, por outra, diminui a possibilidade de socialização, auto-estima e status social, representando, desta forma, declínio da satisfação pessoal.

Além disso, é notável que apesar das recentes revisões implementadas pelo sistema previdenciário brasileiro este terá, necessariamente, de ser revisado e alterado. Isto porque a quantidade de inativos crescerá de forma progressiva. Acreditamos, desta forma, que a própria concepção e critérios de aposentadoria terão de ser transformados para que a manutenção da previdência seja sustentável.

Outro aspecto que merece atenção diz respeito à relação entre o envelhecimento populacional brasileiro e os processos migratórios. É notável que já há algum tempo que a população brasileira é essencialmente urbana. Veras, Ramos e Kalache, 1987, ressaltam que foi após a década de 50 que estes processos se desencadearam mais intensamente favorecendo a concentração da população nas cidades.

População esta que experimenta crescente envelhecimento, havendo, deste modo, uma proporção crescente de pessoas idosas nos centros urbanos. Vale ressaltar que os idosos não constituem grupo de grande proporção nas migrações. Estas costumam ser movidas fundamentalmente por jovens.

Os migrantes oriundos de regiões mais empobrecidas e de áreas rurais tendem a se instalar na periferia das metrópoles e em áreas de acesso mais limitado. Os autores indicam que os idosos também encontram-se predominantemente em localidades específicas tais como as “partes antigas” das cidades e os centros urbanos.

Além disso, as residências das grandes cidades costumam ter espaços restritos devido à supervalorização de imóveis nestas áreas. Desta forma, o convívio de diferentes gerações fica afetado e a ocorrência de conflitos é favorecida.

Nos últimos anos é possível constatar um crescente movimento de discussão e valorização do espaço social ocupado pelo idoso. Certamente um dos grandes passos neste sentido foi a elaboração do Estatuto do Idoso. Este regula os direitos que legalmente são assegurados às pessoas com sessenta anos ou mais e foi sancionado pelo presidente Luiz Inácio Lula da Silva em outubro de 2003, entrando em vigor em 1º de janeiro de 2004.

Esta legislação dispõe acerca de direitos fundamentais (vida, liberdade, respeito, dignidade, alimentos, saúde, educação, cultura, esporte, lazer, profissionalização, trabalho, previdência social, assistência social, habitação e transporte); medidas de proteção; políticas de atendimento; acesso à justiça; bem como de crimes previstos contra o idoso.

Também é reconhecido que esta lei pretende comprometer os diversos segmentos sociais no atendimento e integração deste grupo etário, conforme explicita o Art. 3.º:

É obrigação da família, da comunidade, da sociedade e do Poder Público assegurar ao idoso, com absoluta prioridade, a efetivação do direito à vida, à saúde, à alimentação, à educação, à cultura, ao esporte, ao lazer, à cidadania, à liberdade, à dignidade, ao respeito e à convivência familiar e comunitária.

Apesar de ter sido elaborado após sete anos de tramitação no Congresso Nacional, vários de seus artigos foram questionados e polêmicos como o que impede que os planos de saúde discriminem o idoso estipulando o preço de seus serviços de acordo com a idade do usuário (Capítulo IV, Art.15), esta era uma prática muito comum antes desta lei entrar em vigor.

Outra questão que vem sendo muito debatida diz respeito à responsabilidade que esta legislação deposita nos familiares dos idosos. Apesar de suas obrigações estarem regulamentadas, o que garante maior segurança ao idoso, estes, com

freqüência, não têm condições, preparo e informação para cumprir a lei. Políticas públicas de apoio à família ainda são escassas.

A publicação da Secretaria Especial dos Direitos Humanos em cooperação com o Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento/PNUD: *Violência Contra Idosos: O Averso do Respeito à experiência e à sabedoria*, também reforça o maior enfoque que vem sendo dado ao idoso e sua integração social.

A referida publicação trata de uma temática ainda muito velada em nosso país que são as diversas formas de violência (física, psicológica, financeira e emocional), a que com freqüência o idoso vem sendo submetido.

Além disso, as estatísticas são incompletas na medida em que os dados sobre este tipo de violência se referem exclusivamente às intervenções feitas em serviços de saúde ou de segurança pública em casos de lesões, traumas ou fatalidades. Cabe ressaltar que as denúncias de maus tratos contra o idoso constituem um fenômeno ainda muito recente no Brasil e no mundo. Assim, percebemos que:

Os dados estatísticos se constituem na ponta do iceberg de uma cultura relacional de dominação, de conflitos intergeracionais, de negligências familiares e institucionais (pp.30).

Ainda nos baseando nesta referencia constatamos que os abusos econômicos e financeiros cometidos geralmente por familiares, estruturais resultantes de desigualdades sociais e financeiras, bem como em nível institucional realizado como agressão política, estão entre os mais comuns em nosso país.

No entanto, o Estatuto do idoso viabiliza que o movimento de regate de direitos e valorização dos idosos se fortaleça e ganhe representabilidade. Não se trata de uma solução, mas, de um importante passo.

Por fim, ressaltamos que as mudanças sociais e demográficas vigentes apontam para a necessidade de que pesquisadores, estudantes, profissionais e cidadãos de todo o mundo atentem às implicações vitais acarretadas pelo envelhecimento populacional que vem sendo evidenciado.

1.3 Mídia e Envelhecimento

Tem sido notável o crescente volume de anúncios publicitários de bens e serviços vinculados na mídia que são voltados às pessoas idosas. A associação de produtos a esta faixa etária explicita a percepção de transformações no mercado consumidor decorrentes das mudanças demográficas que já abordamos. No entanto, este movimento que busca romper os estereótipos dominantes de juventude e velhice ainda é incipiente, de forma que ainda são pouco representativas as vinculações na grande mídia com este teor.

Reconhecidamente, diz respeito a um fenômeno cujas raízes são essencialmente mercadológicas. Mas como discute Fry, 2002, o mercado, assim como os partidos políticos e os movimentos sociais, segue uma lógica cultural e política que é integrante do Brasil. Ou seja, constitui e é constituído por discursos que são socialmente compartilhados.

Sendo assim, apesar de se tratarem de transformações cujas bases centrais são interesses e capital, remetem a processos de construção de sentido que se fazem presentes em nosso país neste momento. Constituem expressão de mudanças psicológicas e sociais. Desta forma, a mídia proclama estereótipos e mitos associados à idade que são parte de nossa sociedade.

Sem dúvida, as publicidades expressam e representam a sociedade de consumo. Visam promover a divulgação e a utilização de bens e serviços, além de incitar idéias. Quando vinculadas em meios de comunicação de massa como televisão, jornal, rádio e revista, que têm grande alcance e relevância social, colaboram, igualmente, para que as relações interpessoais sejam transformadas através de constantes trocas simbólicas.

Roso, Strey e Guareschi, 2002, ressaltam que as publicidades não costumam ser o principal foco de atenção das pessoas. Estão, isto sim, relacionadas a momentos de “descanso”, de distração, para que posteriormente a atenção retorne a seu foco primordial. Assim, costumam ser breves e seus conteúdos tendem a ser pouco questionados e discutidos.

Os autores ainda enfatizam o risco de que publicidades divulguem formas simbólicas portadoras de ideologias que corroborem relações de exclusão e dominação social. Daí, a necessidade de compreendermos como as pessoas interagem e se posicionam frente a este tipo de informação.

Sem dúvida, as publicidades destinadas ao público idoso apresentam conteúdo predominantemente relacionados a medicamentos, planos de saúde, tratamentos estéticos e seguros de vida. Também percebemos a presença dos avós em muitas vinculações que representam famílias. No entanto, não constituem público alvo de outros produtos.

Com estas considerações, podemos afirmar que as modificações sociais e demográficas que estamos vivenciando apontam o imperativo de que o idoso compareça com maior constância e diversidade nos meios de comunicação. O envelhecimento da população transforma drasticamente as relações sociais e torna-se urgente a revisão de conceitos associados a velhice.

A mídia é por nós compreendida como importante veículo de informação e delineadora de processos subjetivos na sociedade brasileira contemporânea. Desta forma, as publicidades vinculadas na mídia impressa são importantes instrumentos para compreendermos processos subjetivos que perpassam a velhice e o imaginário que a cerca.

Neste trabalho buscaremos analisar e compreender de que forma materiais publicitários vinculados na mídia impressa podem servir de instrumento para a compreensão de processos de subjetivação. Assim, buscaremos descrever aspectos subjetivos e mitos associados à velhice e ao consumo.

REFERENCIAL METODOLÓGICO: Pesquisa Qualitativa em Subjetividade

A presente pesquisa foi desenvolvida a partir do referencial qualitativo, que percebemos como essencialmente epistemológico, ou seja, caracterizado principalmente por processos e formas de produção de conhecimento, que permitem o desenvolvimento da metodologia qualitativa (González Rey,2002) . González Rey, em seu livro Pesquisa Qualitativa e Subjetividade, 2004, descreve três bases que acarretam conseqüências metodológicas em estudos qualitativos, as quais abordaremos neste momento.

O primeiro alicerce descrito se refere ao caráter construtivo-interpretativo da construção do conhecimento. Assim, o autor ressalta a processualidade desta produção. O conhecimento é consolidado na medida em que é contínuo e permite que novas zonas de sentido seja geradas, além de possibilitar que novos conhecimentos sejam desenvolvidos quando estas são articuladas em modelos. A construção é um processo de cunho teórico; a interpretação é uma construção que orienta a edificação teórica, dando sentido a esta.

Outra base se refere à reconhecida legitimidade de singularidades na produção do conhecimento. Desta forma, a atividade interpretativa e construtiva do pesquisador ocupa um lugar central na construção do teórico, que interfere no desenvolvimento da pesquisa, não em seus resultados, permitindo que as concepções oriundas de singularidades se legitimem pelo que representam para o modelo que está sendo construído.

Por último, a pesquisa qualitativa se apóia no princípio de que a construção do conhecimento se dá em interação, ou seja, em um processo dialógico, de comunicação. É através da comunicação que os participantes de uma pesquisa podem se implicar no problema da pesquisa, ganhar voz e se converter em sujeito. Conseqüentemente, permite que configurações e processos de sentido subjetivos do individuo sejam conhecidos. Assim, a pesquisa qualitativa não preza pelo quantitativo. O número de

sujeitos envolvidos não é o essencial, e sim a qualidade da comunicação e expressão. Segue, portanto, critérios qualitativos que são desenvolvidos de acordo com necessidades que surgem no decorrer do processo de pesquisa (Rey, 2002).

A descrição desses princípios não implica em uma uniformidade de procedimentos em pesquisa qualitativa. Ao contrário, considera que o pesquisador participa desta produção com suas características pessoais e idéias, estando, portanto, subjetivamente implicado. Também precisamos destacar que o problema pesquisado é um fenômeno particular, que deve ser vislumbrado no contexto histórico e cultural em que está inserido.

Estes princípios que norteiam o processo de construção da pesquisa qualitativa enriquecem as possibilidades de estudos sobre processos subjetivos do homem, conforme ressalta González Rey em seu livro Pesquisa Qualitativa em Psicologia: Caminhos e Desafios, 2002:

A epistemologia qualitativa é um esforço na busca de formas diferentes de produção de conhecimento em psicologia que permitam a criação teórica acerca da realidade plurideterminada, diferenciada, irregular, interativa e histórica, que representa a subjetividade humana (pp.29).

O autor em outro momento de seu trabalho fortalece este posicionamento frente à metodologia qualitativa:

A abordagem qualitativa no estudo da subjetividade volta-se para a elucidação, o conhecimento dos complexos processos que constituem a subjetividade e não tem como objetivos a predição, a descrição e o controle. Nenhuma dessas três dimensões, que historicamente estão na base da filosofia dominante na pesquisa psicológica, formam parte do ideal orientado pelo modelo qualitativo da ciência (pp.48).

Tendo em vista as considerações teórico-metodológicas que tecemos até este momento, acreditamos que a pesquisa qualitativa permite muitas e ricas alternativas para buscarmos compreender como materiais publicitários vinculados na mídia impressa podem ser úteis para a apreensão de processos subjetivos, bem como

viabilizam a percepção de mitos, estereótipos e aspectos subjetivos que são associados à velhice e ao consumo.

Neste estudo, realizaremos conversações individuais espontâneas como instrumento de pesquisa. Através deste recurso buscaremos desenvolver um processo dialógico e ativo onde haja co-responsabilidade, de forma que seja facilitado que pesquisador e participante possam se sentir sujeitos implicados na pesquisa, havendo comprometimento com a temática que estamos abordando.

González Rey, 2004, destaca que nas conversações são construídos trechos de informação onde a pessoa que fala tem espaço para se expressar dentro das necessidades surgidas na própria conversação, não havendo limites formais externos a estas demandas. Os trechos de informação são inconclusos e permitem que o sujeito possa se expressar de forma autêntica e comprometida no desenrolar de sua narrativa. Desta forma, contradições podem ser manifestadas. Neste tipo de conversação, partimos de um nível mais geral para o particular. Nas palavras do autor:

*A conversação é um sistema no qual os participantes se orientam em seu próprio curso e em que os aspectos significativos aparecem na medida em que as pessoas envolvidas avançam em suas relações. As coisas não estão definidas **a priori**, pois cada novo momento do processo pode representar uma diferente etapa de sentido subjetivo dos participantes (pp.50).*

Também utilizaremos, como instrumento escrito, visando o compromisso dos participantes com o tema que estamos estudando e a possibilidade de que alternativas de expressão sejam constituídas, o completamento de frases onde curtos indutores são apresentados e devem ser preenchidos pelo participante da pesquisa. Estes indutores serão de caráter geral ou, ainda, referente a atividades, experiências e pessoas. Conforme expressa González Rey, 2004, autor no qual estamos nos apoiando, no seguinte trecho:

O completamento de frases, ao ter indutores muito curtos, permite empregá-los com uma frequência maior, o que auxilia o deslocamento do sujeito com maior facilidade que outros instrumentos, permitindo a expressão de sentidos

subjetivos diferenciados em áreas e aspectos muito distintos da vida das pessoas (pp.57).

Outro instrumento, apoiado em indutores não escritos, que adotaremos serão pranchas com diferentes publicidades recentemente vinculadas na mídia impressa – revistas - que abordam questões relativas à idade e ao envelhecimento humano. Buscaremos, assim, conhecer informações privilegiadas para a compreensão de nosso tema através de uma possibilidade alternativa de expressão de sentidos produzidos.

Foram selecionadas seis publicidades vinculadas na revista VEJA no período de 27 de julho de 2005 até 31 de agosto do mesmo ano, que correspondem às edições 1915 a 1920. A escolha se deve a esta revista ser a de maior tiragem semanal e ter circulação em todas as unidades federativas do país, o que retrata o grande alcance e potencial de difundir informações da mesma.

Também optamos por três publicidades vinculadas na revista Plástica & Beleza, nos meses de junho e julho de 2005, que correspondem às edições nº 65 e 66. Esta escolha é decorrente do grande volume de publicidades relacionadas a envelhecimento e corpo que são presentes de forma constante neste veículo de informação. Além disso, trata-se de uma revista de grande tiragem e alcance nacional.

Por fim, decidimos por selecionar imagens da Campanha pela Real Beleza que vem sendo vinculada em todo o país pela DOVE e que pretende estimular o debate sobre estereótipos e padrões de beleza dominantes. Trata-se de uma campanha que ganhou força e foi difundida em vários veículos difusores de informação, como revistas, televisão, jornal e, em especial, a internet que divulga detalhes da campanha e promove discussões sobre beleza. Acreditamos que seja expressiva da eminente necessidade de mudanças na forma como a velhice vem sendo representada pela mídia e pela sociedade como um todo.

Realizaremos um estudo de caso, onde utilizaremos os instrumentos descritos anteriormente em duas sessões organizadas, podendo este número vir a sofrer alterações de acordo com as necessidades que surgirem no decorrer dos encontros, bem como da disposição da participante.

Na primeira sessão, utilizaremos conversação individual, informal e complemento de frases para buscarmos compreender processos subjetivos

delineados pela mídia que perpassam a velhice e o imaginário que a cerca. Na segunda, por sua vez, utilizaremos as pranchas com as imagens selecionadas como alternativa para a produção de sentidos subjetivos que perpassam nossa temática de estudo.

O estudo de caso constitui importante alternativa para a construção do conhecimento psicológico. Sua legitimidade não está no quantitativo, mas sim, na qualidade do processo de construção teórica, sendo assim que adquire valor de generalização (González Rey, 2002). Em vista disto, acreditamos que seja uma boa escolha metodológica para o desenvolvimento deste estudo.

QUADRO 1:
Completamento de Frases

- 1) O tempo:
- 2) A idade:
- 3) A felicidade:
- 4) Eu sou:
- 5) Eu fui:
- 6) Eu desejo:
- 7) As gerações:
- 8) Viver:
- 9) O corpo:
- 10) Meu corpo:
- 11) O trabalho:
- 12) O descanso:
- 13) O lazer:
- 14) A família:
- 15) A infância:
- 16) A juventude:
- 17) O adulto:
- 18) A velhice:
- 19) O velho:
- 20) A sociedade:
- 21) Minha comunidade:
- 22) A TV:
- 23) O jornal:
- 24) As revistas:
- 25) As novelas:
- 26) A mídia:

ESTUDO DE CASO

Nesta etapa de nosso estudo buscaremos discutir as informações construídas durante as duas sessões que organizamos. Na primeira utilizamos a conversação informal, individual e o completamento de frases como instrumentos. Esse encontro teve duração de aproximadamente uma hora e quarenta minutos e se deu na residência do entrevistado.

No segundo encontro utilizamos as pranchas com as imagens selecionadas como alternativa de construção de sentidos subjetivos que perpassam nossa temática de estudo. Essa sessão teve duração de aproximadamente uma hora e vinte minutos e ocorreu no mesmo local da anterior.

O entrevistado, RB, tem sessenta anos e é funcionário público aposentado. Mora sozinho em um apartamento de três quartos localizado em um bairro nobre de Brasília. É separado, tem três filhas e um neto. Ressaltamos que participou deste estudo demonstrando muita prontidão e disponibilidade em colaborar. Ao final do processo destacou que considerava importante estudos sobre nossa temática e que gostou de ter colaborado.

Em nossa sessão de conversação inicial pudemos dialogar sobre várias implicações individuais e sociais do processo de envelhecimento. Encontramos várias construções de sentido que gostaríamos de destacar neste momento.

Ao abordarmos diretamente a questão do envelhecimento, RB expressou que não gosta e que fica triste ao pensar neste processo. Ressaltou, ainda, que não se encontra psicologicamente preparado para passar por isso. Trouxe sua preocupação com as modificações físicas que vem sofrendo e o temor do isolamento social que associa a esta fase da vida.

Além disso, falou do receio de em algum momento vir a depender muito de outras pessoas para viver, de ser muito dependente e de forma a representar “um peso” para os outros. Também relatou seu desejo de que a ciência encontre recursos para que o homem viva mais tempo e com maior qualidade de vida, acredita que o

governo deveria investir mais nesse tipo de pesquisa e que são necessárias políticas públicas nesse sentido.

Dessa forma, ressaltou sua vontade de se sentir jovem e com vigor físico. Também colocou sua necessidade de preparo psicológico para passar por tantas transformações físicas e sociais que começa a vivenciar. Seu incomodo com a idade foi explicitado e disse, também, que o que o ajuda é não se sentir com a idade que tem de fato. Por fim, expôs que seu incomodo com esta fase da vida reside na associação entre envelhecimento e fim da vida.

Nos baseando em nossa abordagem teórica inicial podemos perceber que muitas das construções subjetivas de RB foram elaboradas em um contexto histórico e cultural que delimitou esse processo de edificação. O discurso ocidental dominante sobre a velhice é repercutido na fala de nosso entrevistado. No entanto, apesar desta delimitação social RB exerce um papel ativo e singular em seu próprio envelhecimento e na forma como o apreende e representa.

A história da velhice que trouxemos brevemente no corpo teórico deste estudo é presentificada, atualizada, de forma única e subjetiva no discurso de RB. Assim, há articulação entre o histórico, socialmente compartilhado e a história e singularidade de nosso entrevistado. Ou seja, os processos sociais também constituem a experiência de RB. Nosso sujeito é construído socialmente e, também, construtor.

A concepção cristã da velhice é atualizada em seu discurso na medida em que percebe a velhice como a fase final da vida, uma preparação para a morte. A definição cronológica da velhice, construída a partir do século XVIII, também é muito marcada em seu discurso de forma que RB ressalta o conforto de não se sentir com sessenta anos. Este marco cronológico parece ter grande expressividade na representação de RB sobre a velhice.

Outro ponto relevante se apresenta no desejo manifestado por RB de que a ciência encontre uma alternativa para que as pessoas vivam mais e com qualidade maior. A expectativa de que a medicina descubra, em suas palavras, a “fórmula para a vida eterna” ilustra a presença do discurso médico. Tal noção trás ecos do discurso da ciência como espaço privilegiado de conhecimento do mundo e, também, de construção

do saber. Assim, esta expectativa muito especial é depositada no conhecimento acadêmico.

RB também expressou que julga necessário que o governo atue de forma mais ativa, facilitando o processo de envelhecimento das pessoas e da população como um todo. Seja investindo mais em centros de pesquisas, seja promovendo um maior entendimento sobre a temática junto às instituições básicas de ensino.

Outra questão discutida diz respeito à maturidade. RB a define como sendo a forma como o homem vê a própria experiência de vida. Seria, também, um momento de transformações comportamentais radicais em que se aprende intensamente com a vida. Estaria “exclusivamente” relacionada à idade.

Reconhece a singularidade deste processo, mas também acredita que está mais presente na etapa do ciclo de vida que está começando a viver. De acordo com sua perspectiva toda pessoa chegará a um momento, não necessariamente na mesma época de vida e nem com a mesma intensidade, em que fará uma avaliação do que já viveu e se valorizará mais.

O amadurecimento propiciaria a integração do homem enquanto sujeito de suas ações. Ocorreria, também, na medida em que a pessoa conscientiza a necessidade de aprendizagem e crescimento, o que RB não percebe em si mesmo quando era jovem.

Percebemos, assim, que RB reconhece o amadurecimento como um processo de grande valor para o ser humano. Teria um nível social, pois seria relacionado à aprendizagem, mas, também, biológico na medida em que está relacionado diretamente à idade cronológica e todas as pessoas têm potencial para vivê-lo. Ou seja, há uma certa naturalização do amadurecimento. Este seria próprio do homem que já viveu mais tempo e aprendeu a agir de forma consciente, desenvolvendo-se e crescendo com a experiência.

O corpo compareceu como fonte de preocupação e cuidados próprios e individuais. RB relata que recentemente transformou seus hábitos alimentares de forma radical. Assim, evita alimentos muito calóricos e gordurosos. No entanto, apesar destes cuidados e de se sentir bem, sente com maior intensidade as limitações físicas.

Destacou, ainda, a necessidade de se investir no corpo visando maior qualidade de vida. Em vista disso, evita fumo e bebidas de forma absoluta. Também vem se

preocupando em fazer exames de sangue com maior frequência. O sentido do corpo foi expresso como a necessidade que sente de cuidá-lo e de não se prejudicar.

As transformações físicas em decorrência da idade foram apontadas como fonte de cuidado, responsabilidade e tristeza. RB também disse que ao olhar no espelho as mudanças sofridas por sua pele, sente-se um pouco “derrubado”. Percebe que sua pele está muito mal tratada e por isso vem recorrendo a um creme e a limpezas. Estes cuidados, segundo relatou, impedem que se sinta muito mal, assim, permitem que se sinta melhor com as transformações orgânicas que tem vivenciado.

Outro fator relevante levantado por RB diz respeito a suas possibilidades financeiras de investir mais em seu corpo. Expressou desejo em ter mais recursos para se cuidar. Assim, acredita que viveria mais e com maior qualidade de vida. Esta fala, retrata como a indústria da beleza, que é poderosíssima e cresce em impressionante escala em nosso país, em seu discurso, desencadeia necessidades de consumo nas pessoas. Certamente, os anúncios publicitários desempenham importante papel neste sentido.

Como já relatamos, RB diz não se sentir com a idade que tem. Assim, descreve que desenvolveu o hábito quase rotineiro de questionar aos outros que desconhecem sua idade real quantos anos dariam para ele. As imagens de seu corpo mais envelhecido parecem ter um grande impacto na forma como nosso entrevistado apreende seu processo de amadurecimento.

Em decorrência dessa discussão pudemos falar de vitalidade. RB a percebe como sendo a forma como alguém cuida do próprio corpo. Não estaria diretamente relacionada à idade e sim com o bem-estar. Apesar de se incomodar muito com as mudanças físicas que vem sofrendo, RB vem buscando maior vitalidade, em especial por meio da alimentação, e vem conquistando maior bem-estar físico com estas atitudes.

Com relação à sua inserção social nos dias de hoje, RB demonstrou ter uma rede social e de apoio muito restrita. Relatou não ter amigos, “ninguém”. Disse sentir falta de pessoas para conversar no seu dia-a-dia. Afirmou, também, que hoje seu “papel social está praticamente zero”. Sente-se isolado e relata que quando trabalhava tinha uma vida social muito mais rica. Sente saudade disso.

Relaciona suas restrições sociais a dificuldade de locomoção, RB anda com a ajuda de muletas e não pode mais dirigir, e a dependência que tem dos outros. Depende de caronas para ir aonde deseja e, assim, muitas vezes acaba por não fazer o que quer, dizendo estar a quatro meses sem sair. Disse, em vista disso, que gostaria muito de ter mais liberdade, apesar disso não ter se tornado uma queixa.

O momento em que mais interage com outras pessoas é quando vai a um Centro Espírita que frequenta. Lá encontra energia e sente-se útil aos outros. Assim, esta instituição representa para RB a possibilidade de integração social que não vem encontrado em outras esferas da vida. Acreditamos que a importância deste centro está para além de sua função religiosa.

Sua rotina é bastante restrita o que RB também explica por sua limitação de locomoção. Acorda, lê jornais e navega pela internet. Esses hábitos são importantes para que RB se sinta informado e atualizado quanto ao que acontece no mundo. Descansa, sai, ajuda a cuidar do neto. À noite criou o hábito, ainda recente, de ler das 23hs até por volta de 01h da manhã. Assiste a documentários e escuta músicas.

Ao pensarmos a rotina de RB fica clara a limitação de contatos interpessoais, lembramos que nosso entrevistado mora sozinho, e a importância que os meios de comunicação estão tendo em seu dia-a-dia, em especial a mídia impressa. Em vista disso, acreditamos que RB deva ter relevante contato com publicidades o que fortalece a possibilidade de discutirmos esse material em nosso estudo.

O sentido da vida trazido por RB estaria, inicialmente, em sua família. Esta é descrita como sendo seu “grande tesouro”. Além disso, estaria na necessidade e responsabilidade de se valorizar cada vez mais. Em vários momentos de nossa entrevista o auto-cuidado aparece como fonte de sentido para a experiência. Estaria relacionado à maturidade e ao crescimento pessoal que nosso entrevistado procura alcançar.

O convívio entre as gerações também foi bastante discutido em nossa primeira sessão. RB relatou que percebe que os jovens se aproximam mais dele do que as pessoas mais velhas, o que o agrada bastante. Também diz perceber este comportamento em si mesmo com maior frequência. Assim, ao assistir alguma programação na televisão em que apareça alguém mais velho tende a prestar mais

atenção. RB acredita que há uma tendência em nossa cultura dos jovens valorizarem mais os mais idosos, embora, em sua maneira de ver, não se compare com a valorização que o velho tem nas culturas orientais.

Interessante ressaltar que ao discutirmos a existência de preconceitos e estereótipos no convívio intergeracional, RB destacou que acredita ser o jovem o maior discriminado. Acredita que os mais velhos tendem a criticar os mais novos e que não possuem as mesmas informações que estes. Em vista disso, desvalorizam a música do jovem, as tatuagens, os piercings. Ao contrario, deveriam tentar se adequar ao novo e se atualizar.

Mais uma vez RB ressaltou que as autoridades deveriam informar mais e melhor a população, em especial nas escolas. Acredita que a melhoria das relações entre diferentes grupos etários seria viável através de políticas públicas mais enérgicas e direcionadas.

Com essa discussão podemos perceber que apesar de haver uma valorização social da juventude por meio de padrões estéticos e valorização física de um modo geral, nosso entrevistado se mostrou sensível às dificuldades que o jovem muitas vezes encontra em assumir e criar novos valores. Atribui, ainda, uma maior responsabilidade pela dificuldade de relacionamento entre as gerações aos mais velhos, percebendo que o jovem tende a se aproximar do mais idoso com maior facilidade e freqüência.

Outro aspecto relevante diz respeito à responsabilidade de melhoria dessas relações ser atribuída fundamentalmente a políticas governamentais. Acreditamos que essas políticas são, de fato, escassas em nosso país e que deveriam ser mais difundidas e elaboradas com maior consistência. No entanto, também julgamos importante o engajamento da sociedade, dos movimentos sociais e instituições sociais como um todo, sendo, idealmente, necessário um trabalho conjunto e a discussão de políticas sociais possíveis. Também ressaltamos neste estudo o forte impacto que a mídia, muitas vezes referida como o quarto poder na sociedade capitalista, pode desempenhar como formadora de opinião e delineadora de processos subjetivos, o que de alguma forma pode vir a permear as relações interpessoais e construções simbólicas.

Por fim, em relação aos meios de comunicação RB destacou que acredita que, de uma maneira geral, não abordam a temática do envelhecimento e que quando o fazem agem com o intuito de exploração e desrespeito aos mais velhos, havendo, inclusive, ridicularização. Ressalta a exclusão social do idoso e lembra que muitos artistas mais velhos e experientes que conhece são substituídos na mídia por outros mais jovens e muitas vezes sem experiência ou capacitação profissional. Assim, esses profissionais mais maduros saem do horário nobre e seu lugar é preenchido por rostos bonitos, tipo “malhação”.

Também acrescentou que essa exclusão social se dá pela imagem do corpo envelhecido, chegando a afirmar que “a velhice está fora dos padrões estéticos”. Relata sentir-se frustrado e revoltado com essa percepção. Além disso, ressalta que os meios de comunicação deveriam abordar mais e com maior qualidade a questão do envelhecimento e que os idosos deveriam ter melhores oportunidades dar sua contribuição e, inclusive, de interagir com os mais jovens na mídia.

Conforme apreende RB, os processos de subjetividade social que permeiam a inserção e participação do idoso nos meios de comunicação são constituídos por configurações de sentido compostas de elementos muito taxativos e pesados relacionados às pessoas mais velhas. Ao vislumbrarmos a história da velhice no ocidente podemos ampliar nossa compreensão da construção histórico-cultural deste fenômeno.

Ainda em nossa primeira sessão solicitamos que RB preenchesse o instrumento escrito de completamento de frases (vide apêndice a) que construímos e discutimos em nosso capítulo metodológico. Participou com prontidão e refletiu antes de completar cada lacuna.

As respostas preenchidas vieram corroborar e destacar as configurações de sentido que RB nos trouxe durante a conversa inicial. Assim pudemos ampliar o leque de informações que já havíamos conhecido.

A necessidade de maiores cuidados com o corpo e a tristeza atribuída às marcas físicas da idade voltaram a ganhar espaço. Em relação ao convívio entre as gerações acrescentou que são fontes de renovação e aprendizado. Tais noções não haviam sido

explicitadas antes e expressam a valorização que RB atribui a esta possibilidade de contato.

Em relação às fases da vida, nosso entrevistado escreveu que a infância deveria ser sempre aproveitada, que a juventude é uma fase maravilhosa, que o adulto complementa as etapas anteriores e que a velhice precisa ser mais valorizada. O velho é, ainda, descrito como sábio e fonte de experiência. Assim, a velhice foi a única etapa da vida em que RB não agregou apenas sentidos positivos. A pouca valorização desta etapa voltou a estar presente em seu discurso.

A mídia foi representada como sendo “perigosa, infelizmente”. A necessidade de jornais e revistas foi reforçada. Já a televisão foi descrita como sendo mal aproveitada. Assim, voltamos a destacar que a mídia impressa ocupa um lugar mais expressivo e de maior legitimidade na vida de nosso entrevistado. A mídia televisiva não desperta maior interesse e não tem o mesmo crédito.

Em nossa segunda sessão dialogamos sobre os anúncios publicitários relacionados ao envelhecimento de forma mais focal e direta. Utilizamos as pranchas com as imagens selecionadas (vide anexos) como alternativa para a construção da informação.

Nosso entrevistado foi convidado a falar sobre a forma como percebia cada publicidade, como se sentia diante delas e a fazer sua crítica pessoal. Também pudemos discutir essas impressões e a forma como estas foram elaboradas e ganharam forma. O papel da mídia na sociedade também foi novamente ressaltado como importante e, muitas vezes, subaproveitado.

A primeira prancha discutida trazia a publicidade das fraudas geriátricas Bigfral. A figura mostra uma senhora idosa, de joelhos encostados no chão, sorrindo, abraçada a uma criança, em local aberto. A idosa em questão mostra-se bastante espontânea e à vontade. Os dizeres publicitários prometem proteção e qualidade 24hs.

RB relatou que inicialmente não percebeu que o produto divulgado era fraude geriátrica. Isto só aconteceu ao ler o texto trazido no corpo do anúncio. Assim, disse não achar adequada a presença da criança e o cunho descontraído da imagem que, ao seu ver, não tem relação alguma com o produto oferecido. Explicou, ainda, que este produto deveria ser associado a, por exemplo, “um idoso no leito” ou a “situação de pouca liberdade em contraste com outra, de oferecimento de maior independência

provocada pela fraude”. Assim, julga que o idealizador da publicidade não conseguiu provocar nele os efeitos inicialmente desejados. No entanto, não considera o anúncio apelativo e gostou da iniciativa.

O posicionamento de RB frente à publicidade se mostrou muito condicionando a estereótipos socialmente construídos e enraizados. A crença de que pessoas com maior independência física não usam recursos como a fraude geriátrica se mostrou presente. Assim, este produto está associado à debilidade física e restrição de locomoção. Possivelmente a intenção do publicitário foi lidar com esta representação socialmente compartilhada a fim de relacionar o produto divulgado a liberdade e bem-estar.

Posteriormente, mostramos a publicidade do Banco BGN S.A a nosso entrevistado. Este anúncio trás a imagem de seis pessoas mais velhas com chaves nas mãos e a de um ator famoso, também idoso. Todos estão sorrindo. O texto diz que só este banco dá casas e carro na garagem a aposentados e pensionistas do INSS e servidores públicos. Por fim, convoca pessoas desses grupos a entrarem em contato e fazerem empréstimos.

Essa segunda publicidade despertou tristeza em RB, além de fazê-lo sentir-se explorado. Considerou um anúncio apelativo, não apenas pelo uso da imagem de pessoas idosas, mas, também, por explorar o que considera o sonho de todas as pessoas, “o sonho da casa própria”. Dessa forma expressou sua indignação frente a este apelo.

Provavelmente o referido anúncio surgiu da percepção das profundas transformações demográficas que temos discutido em nosso estudo, bem como do impacto mercadológico provocado pelas referidas mudanças. A referência direta à fonte de renda do público alvo reforça o tom apelativo. Além disso, ao exibir imagem de um ator freqüentador de uma grande emissora televisiva, que supostamente atingiu sucesso profissional e familiar, a publicidade associa o produto exibido ao sucesso e, ademais, a certeza de que seu consumidor conquistará maior felicidade.

A terceira e quinta pranchas exibidas referem-se ao anúncio do Banco Real que convoca participantes com sessenta anos ou mais para a sétima edição do Concurso Banco Real Talentos da Maturidade. A imagem de um senhor e de uma senhora

idosos, respectivamente, mostrando suas fotos jovens convidam o leitor a aproveitar a liberdade que a maturidade propicia. No primeiro caso o talento de contador de histórias é ressaltado, no segundo o de pintora.

Essas publicidades foram destacadas por RB como sendo “altamente positivas” e significativas, sem haver apelação ou exploração de qualquer natureza. A mensagem de que a qualquer idade podemos ser úteis, “principalmente em termos de ocupação”, a nós mesmos e ao próximo foi destacada como capaz de propiciar “a boa sensação interior de provar que o idoso, tendo oportunidades, pode ser ocupado e valorizado”. A experiência do mais velho é representada como sendo valiosa e importante.

Um aspecto levantado por RB que julgamos bastante significativo remete à carência de oportunidades que propiciem ocupação e valorização dos idosos. Certamente essa concepção reflete a histórica predominância da população jovem em nossa sociedade. Conforme ressaltamos anteriormente neste estudo, esta representação ainda deixa muitos resquícios no imaginário brasileiro, apesar das intensas e iminentes transformações demográficas que nossa população vem sofrendo. Assim, podemos compreender que a carência de oportunidades para uma faixa etária em constante crescimento aponte a valorização por parte do idoso de iniciativas como a da publicidade.

Além disso, a lógica social capitalista implica na valorização pela produção. As pessoas são, em grande parte, socialmente valorizadas pelo que produzem em termos de produtos e capital. Assim, idosos e aposentados com frequência têm sua rede de relacionamentos e reconhecimento social drasticamente reduzidos. A iniciativa da publicidade busca responder a esta demanda das pessoas mais velhas e romper estereótipos relacionados à improdutividade do idoso.

Já a quarta prancha trabalhada trás a imagem de uma suposta família onde estão presentes pais, filhos e avós. Todos estão muito próximos e demonstram felicidade. O anúncio da Home’s Service promete “compromisso com o seu bem estar” e assistência 24hs.

A associação da imagem da família ao oferecimento de “condições de bem estar” mediante serviços relacionados à manutenção doméstica foi apreciada por RB. Em sua

avaliação não houve exploração da imagem do idoso. Também acrescentou julgar importante a inclusão do casal de idosos na representação da família.

Assim, o papel social dos avós foi, na perspectiva de nosso entrevistado, representado e valorizado. Não houve omissão em relação aos idosos e estes também foram retratados como público alvo da publicidade.

A sexta imagem sobre a qual dialogamos trazia a publicidade do Creme Anti-rugas Q 10 Plus, da Nívea Visage. É apresentada a imagem facial de uma mulher de aparência jovem e, mais abaixo, é dado um zoom na altura de seus olhos. O texto promete que o referido produto “reduz as rugas e a sua idade”. Além de ser de ser “mais uma revolução da Nívea em creme antiidade”. Trata-se de um creme de composição “energizante”.

RB criticou o anúncio dizendo tratar-se de “uma costumeira apelação com as marcas deixadas pelo avanço da idade”. Também disse reconhecer que a expressão “antiidade” é bastante atrativa no contexto em que vem sendo apresentada. No entanto, apesar destas observações, disse creditar ser uma “apelação positiva” na medida em que promete um tratamento de revitalização facial. Assim, julga que o anúncio não é direcionado à vaidade e sim para “um recurso destinado à revitalização”.

Achamos pertinente acrescentar que após a entrevista, já com o gravador desligado, em conversa informal, RB acrescentou que o referido creme é o produto que em nossa primeira sessão relatou estar fazendo uso com a finalidade de melhorar a aparência facial e desenvolver o autocuidado. Acrescentou, ainda, que gosta muito deste produto e que por isso não quis falar “muito mal” dele.

Acreditamos que este comentário informal foi muito interessante e nos ajudou a compreender a representação que RB tem desse tipo de produto. Apesar de reconhecer que o anúncio é apelativo quis, de certa forma, amenizar suas impressões negativas uma vez que é consumidor do produto.

A promessa de redução das rugas e da idade reforça a representação negativa e socialmente compartilhada acerca das transformações físicas vivenciadas ao longo do processo de envelhecimento. A concepção de que as marcas da idade devem ser evitadas é reforçada pelo creme “antiidade”. Assim, a velhice é colocada em um lugar de exclusão social. Além disso, acreditamos que a associação ente juventude e beleza

é reforçadas. Enquanto a velhice está associada a características físicas que devem ser evitadas, como é o caso das rugas.

Em seguida mostramos a prancha com o anúncio de Cirurgia Plástica da Bello Corpo. A imagem trazida é de uma jovem dançarina famosa de biquíni e cujo corpo está muito exposto. O texto sugere que “No mínimo você vai ter que mostrar o documento para provar a idade”.

RB afirmou não gostar da publicidade exposta por estar centrada na imagem do corpo de uma mulher jovem e, ao mesmo tempo, fazer alusão à idade. No entanto, afirmou que prefere publicidades assim do que as no modelo “antes” e “depois”. Ademais, reconhece que o texto utilizado tem efeito sobre as pessoas.

Esta publicidade, certamente, trabalha com base no estereótipo que envolve a associação de idade e beleza. Assim, beleza e juventude caminhariam juntas. Igualmente, a velhice estaria, como afirmou RB em nossa primeira sessão, excluída dos ideais de estética. Constatamos, assim, mais uma vez, que as marcas do envelhecimento no corpo são, muitas vezes, combatidas através de produtos específicos e da mídia de forma mais ampla, reforçando o imaginário negativo sobre a velhice.

O oitavo anúncio discutido se refere ao tratamento da calvície e foi elaborado nos moldes “antes” e “depois”, formato que RB já havia afirmado não gostar. Trata-se de publicidade do Microtransplante capilar Ultra-line Cirurgia Plástica, que ilustra em imagem um exemplo de técnicas antigas e com Ultra-line.

Essa publicidade foi classificada por RB como sendo apelativa e direcionada exclusivamente para o sentimento de vaidade. Além disso, afirmou não lhe parecer séria na medida em que promete um resultado “milagroso”. Atribui esta percepção à informação que dispõe de que não existe tratamento eficaz para a calvície.

Essa publicidade foi selecionada levando em consideração que a calvície é, certamente, uma característica física relacionada ao envelhecimento masculino. A expectativa de transformação radical e rápida é transmitida ao consumidor, em especial pela disposição das imagens. Assim, a medicina estética se propõe a amenizar as marcas do tempo deixadas no corpo. RB acrescentou que o poder de influência desse anúncio está calcado na falta de informação sobre a calvície.

A penúltima publicidade discutida é sobre cirurgia plástica e promete “segurança e conforto na realização de seus Sonhos e melhora de sua Auto-estima”. A imagem é de uma mulher jovem sorrindo e de uma senhora que também está demonstrando satisfação.

RB gostou da mensagem visual e textual vinculadas no anúncio. Não considerou apelativa, pois não há comparação entre as duas mulheres expostas. Assim, em suas palavras, houve um “conjunto harmônico”.

A imagem de duas mulheres de diferentes gerações na mesma publicidade, constituindo público alvo do mesmo produto propicia identificações de maior diversidade de significados agregados ao serviço oferecido. Assim, o idealizador do anúncio amplia o alcance de sua publicidade de forma a conquistar maior número consumidores. Além disso, atribui maior naturalidade ao serviço oferecido.

Finalizando nossa segunda sessão, mostramos uma imagem da campanha pela Real Beleza que vem sendo vinculada em todo o país pela DOVE e que, segundo o explicamos previamente, pretende estimular o debate sobre estereótipos e padrões de beleza dominantes. A imagem selecionada mostra uma senhora idosa, de cabelos brancos, sorrindo. O texto diz que a DOVE acha que toda idade tem seu charme e pergunta se o leitor concorda ou discorda disso.

RB afirmou gostar da imagem visual da publicidade. Disse ter se sentido energizado e bem diante do anúncio. Também destacou que a publicidade não explora o idoso de forma traumática e achou positiva a expressão facial e corpórea da idosa.

Acreditamos que a iniciativa dessa campanha retrata a eminente necessidade de mudanças na forma como a velhice vem sendo representada pela mídia e pela sociedade como um todo. Tal iniciativa despertou maior ânimo e foi percebida de forma bastante positiva por nosso entrevistado que, ademais, mostrou maior interesse em conhecer a proposta da publicidade e em saber que tipo de produto estava sendo anunciado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste momento de nosso estudo gostaríamos de tecer algumas considerações finais que foram construídas ao longo do processo de pesquisa desenvolvido. Assim, optamos por destacar algumas construções de sentido subjetivo, núcleos temáticos, que se mostraram presentes e relevantes em nossas sessões de diálogo com nosso participante RB.

- a) “O sentido da vida é o da responsabilidade de me valorizar mais ... agora com a maturidade estou valorizando mais isso”. A maturidade para RB consiste na integração do homem enquanto sujeito de sua existência e este processo ocorre “exclusivamente” em razão da idade.
- b) “O envelhecimento é um processo individual. Eu me sinto triste com isso ... eu acho que a velhice está muito ligada a um final de um ciclo de vida” . RB expressou alguns temores em relação ao envelhecimento tais como isolamento social, morte e transformações físicas radicais.
- c) “Eu acho que o governo é muito omissivo. Tinha que haver um ensino básico falando da importância disso” (referindo-se ao bom convívio entre as gerações e a preparação para o envelhecimento). É destacada, no decorrer das conversações, a importância de investimentos estatais na educação e na pesquisa de problemáticas associadas ao envelhecimento.
- d) “Eu acho que há muito choque, preconceito. Acho que o jovem é discriminado pelos mais velhos”. Em relação ao convívio intergeracional, acredita que os mais idosos discriminam por não disporem das mesmas informações que os mais jovens.
- e) “Eu vejo que a caminhada é muito grande e vejo esses problemas com meu corpo, essas transformações”. A representação corporal apareceu associada à tristeza e necessidade de cuidados maiores com a finalidade de se ter maior qualidade de vida e longevidade.

- f) “O meu papel social é praticamente zero. Eu tive uma participação social muito maior. Eu sinto falta disso”. A correlação entre envelhecimento e isolamento social foi expressa pelo temor em relação ao isolamento social e afetivo e, também, em relação à diminuição das atividades em decorrência da aposentadoria.
- g) “Eu acho que não estão tratando. Quando lembram do velho é para fazer sensacionalismo. É com exploração”. (referindo-se a forma como a mídia vem tratando a velhice e os idosos). Acredita que a exclusão do idoso da mídia se dá pelo corpo que carrega as marcas da idade. Assim, os idosos não têm oportunidades nem espaço de expressão nos meios de comunicação.

Através deste estudo de caso e de nossa pesquisa teórica pudemos verificar que a mídia é um importante veículo difusor de informações, que delinea processos subjetivos sociais e individuais, estando estes intrincados e em constante diálogo. Assim, é constituída de componentes que nos permitem maior aproximação do imaginário e de processos de subjetivação associados ao envelhecimento.

APÊNDICE

a. Completamento de Frases

- 1) O tempo: Não existe na minha existência.
- 2) A idade: Me assusta a do corpo. Nunca me senti com ela.
- 3) A felicidade: Para mim é o que já consegui. Só isso.
- 4) Eu sou: Como me sinto: uma pessoa boa.
- 5) Eu fui: Foi importante para conseguir o que sou.
- 6) Eu desejo: Estar bem com a vida e ser útil.
- 7) As gerações: Fontes de renovação, de aprendizado.
- 8) Viver: É um sentimento precioso.
- 9) O corpo: Me entristece pelas marcas do tempo.
- 10) Meu corpo: Um bem que procuro cuidar melhor.
- 11) O trabalho: Importante e necessário.
- 12) O descanso: Necessidade biológica.
- 13) O lazer: Sempre necessário.
- 14) A família: A conquista mais importante do indivíduo.
- 15) A infância: Deveria ser sempre aproveitada.
- 16) A juventude: Fase maravilhosa.
- 17) O adulto: Complemento de todas as fases.
- 18) A velhice: Precisa ser mais valorizada.
- 19) O velho: Sábio, com fonte de experiência.
- 20) A sociedade: Importante no nosso relacionamento.
- 21) Minha comunidade: Boa.
- 22) A TV: Infelizmente não é bem aproveitada.
- 23) O jornal: Necessário.
- 24) As revistas: Também são importantes.
- 25) As novelas: Atualmente não aprecio.
- 26) A mídia: Perigosa, infelizmente.

b. Entrevista - Transcrição da primeira sessão

Local e Data: Brasília, 31 de outubro de 2005:

Ao longo de nossa vida, a medida em que vamos vivendo, a gente pode se perceber de formas diferentes. Às vezes a gente se vê de um jeito agora, depois podemos nos ver um pouco diferente. Pode mudar a forma como a gente se percebe. Hoje, como é que você percebe essas possíveis transformações no decorrer da sua vida?

Eu acho que no meu caso, agora, elas tão muito mais perceptíveis. Eu tô sentido mais mudanças em termos de valorizar o tempo que eu ainda tenho de vida e de ficar mais prestando atenção ao meu dia-a-dia, as coisas boas que a vida me oferece e, também, aos momentos difíceis. Eu percebo isso com mais atenção e antes isso não acontecia. Venho tentando aprender mais comigo.

Você fala que antes não percebia esse tipo de atitude em você, quando, mais ou menos, você acha que começou a sentir essas mudanças?

Com a mesma intensidade e freqüência que eu estou mais atento hoje eu acho que a partir de uns cinco anos atrás, só. Mais ou menos isso. Na época em que eu me acidentei. Foi a uns cinco anos atrás. De lá para cá eu venho prestando mais atenção nisso e estou aprendendo mais com a vida. Antes eu levava a vida natural, mas não tinha muito esse estímulo de me valorizar, de ter que prestar atenção. Eu estou achando que isso aí é maturidade. A maturidade está chegando e mais presente. Hoje eu já penso duas vezes nas coisas que eu devo fazer.

E a que você atribui essa maior maturidade? Como você acha que conquistou essa maturidade?

Eu acho que isso assim, de um modo genérico, faz parte de um ciclo da nossa vida, da nossa existência. É um ciclo de crescimento, de etapas. Então eu acho a maturidade agora está mais presente pela fase que eu estou entrando agora e, também, em razão da minha idade. Eu atribuo a isso. Principalmente a isso.

Você acha que os outros percebem este amadurecimento em você?

Eu acho que nem todos percebem, assim, na mesma faixa etária, na mesma época da vida, e, evidentemente, os que percebem com intensidade muito diferenciadas. Mas eu acho que todo individuo vai chegar a um ponto que vai começar a olhar o que ele já fez, a caminhada, e vai se valorizar mais. Eu acho que todos têm condições de perceber, mas não com a mesma intensidade.

Você acha que isso é natural do ser humano?

Eu acho que é natural. Faz parte do ciclo da vida, né? Independente de classe, de condições sociais. É do ser humano.

Você pensa que este momento de maturidade do ciclo da vida está associado a uma idade biológica?

Eu acho que claro que sim. São revelações dessa fase, né?

Então, como pessoa, como ser humano, você percebe que está passando por um processo de amadurecimento.

Com certeza estou.

E como você vem se percebendo como homem? Você acha que seu lado masculino também vem passando por esse processo de amadurecimento?

Ah, eu acho. Com certeza. Porque com a idade, com o envelhecimento, o seu lado masculino vai tendo transformações biológicas e psíquicas muito grandes. Então eu acho que a parte homem, ela está muito ligada até em transformações em razão do crescimento da idade.

Se você tivesse que dizer o que mais te distingue como homem da época em que você tinha 20 anos. O que seria?

Eu hoje sou mais, mais calmo, mais atento às minhas emoções, preocupado com as minhas emoções. Eu procuro interagir com as pessoas de uma forma mais aproveitável para os dois. Quando eu tinha 20 anos eu nem pensava nisso. Não me preocupava nem comigo nem com os outros. Eu vivia a vida dentro das condições que me proporcionavam. Mas hoje não. Hoje eu tenho uma preocupação de mais cuidado com as minhas ações. Eu tento ser mais útil, principalmente para os outros. Querer bem aos outros. Isso não tem grau de comparação com o período de jovem. De adolescente. Nem conhecia isso. Eu adoto uma conduta de comportamento natural, não consciente, procurando servir, ser útil.

Menos impulsivo, mais introspectivo?

Mais natural, mais introspectivo. Só com um detalhe que eu não sei se é bom, eu percebo que estou ficando muito seletivo. Eu, por exemplo já não me animo a perder tempo com pessoas que não acrescentam nada para mim, e vice versa. Então eu não sei se isso é bom. Eu tô muito seletivo.

Mais exigente?

Mais exigente com as pessoas em termos dessa troca. Eu não sei se isso tem relação com a idade. Eu não trabalhei isso na minha cabeça, não.

Por que poderia não ser bom?

Porque pode ser que com isso eu prejudique alguém e não dê a atenção que a pessoa merece. Eu estou agindo com o impulso de ser seletivo. Assim, eu acho que eu posso prejudicar alguém, magoar, ou deixar de servir alguém. Ou até de me beneficiar e me ajudar mais do que essa clientela de pessoas que eu estou escolhendo.

Você acha que essa seletividade tem relação com a maturidade?

Eu acho que não. Maturidade seria outra coisa. Maturidade eu vejo como experiência de vida. Você vai amadurecendo. Você muda radicalmente suas ações, sua maneira de pensar, mas sendo moldado no que você já fez e no que você pode fazer. Aprendendo com a vida. Eu acho que seletivo é um comportamento em que eu estou vivenciando, atuando, mas, talvez, como forma de conhecimento, não querer perder tempo com determinadas pessoas. Por isso eu não sei se é bom. Mas evidentemente que eu sempre estou consciente que eu tenho que tomar cuidado com isso.

Voltando um pouco. Então a maturidade estaria ligada a essa etapa do ciclo de vida?

Ah, lógico. Exclusivamente em razão disso. É aquela imagem que os orientais têm, onde os idosos representam a sabedoria na família. Então eles são até venerados.

Falando um pouco do tempo. Que tipo de função você acha que o tempo tem na sua vida?

Isso é uma coisa que eu dou muita importância. Para mim o tempo não existe. Eu não vivo em função do tempo. Eu acho que é por causa da minha concepção religiosa que eu percebi que tive muitos benefícios e satisfação de buscas espirituais, existenciais, de sentimentos de espiritualização, o dia em que eu botei na minha cabeça que não tem tempo. Eu não fico condicionado ao tempo. Ontem para mim é a mesma coisa que hoje e amanhã será a mesma coisa que ontem. Eu acho que o tempo é uma necessidade para você organizar a sua vida, toda atividade. Mas para mim, eu botei na minha cabeça que tudo é eterno, tudo é pleno. Aqui e enquanto eu existir. Pensar assim me ajuda muito.

E como é estar numa sociedade que é norteadada pela noção de tempo? Falam para a gente não perder tempo, para organizar o tempo...

Eu não tenho conflito porque na minha maneira de sentir, de aceitar, de que não tem tempo, é uma concepção minha, exclusivamente minha. Então eu não me preocupo com aquele que diz para não perder meu tempo. Parto do seguinte, que eu estou vivendo, enquanto eu puder viver, como eu sou. Isso me deu um progresso espiritual muito grande. Eu acho que na minha existência como pessoa, como ser, como indivíduo, tudo tem relação independente de tempo. As coisas que eu fiz boas, ou não muito boas, no que se entende por passado, são presentes na minha vida e produzem efeitos também nas coisas que eu estou fazendo e que eu posso também deixar de fazer com o aprendizado daquilo. Então a minha vida não é fracionada. E eu não me preocupo com os outros. É uma filosofia de vida minha. Me ajuda muito.

Você diria que está satisfeito com a sua experiência de vida hoje?

Plenamente. Porque, pelas minhas dificuldades na infância, eu sempre valorizei o que eu tenho, o que consegui com meu esforço ou, então, que me proporcionaram. O meu conceito de felicidade me dá uma satisfação interior que eu já consegui no que estou vivendo agora e isso não me dá frustração.

Mudando um pouco agora, como é sua rotina?

Olha o meu dia-a-dia ele tem uma peculiaridade com o momento que eu tô vivendo. Eu tenho uma limitação física, então, eu não tenho uma liberdade de locomoção. Isso me restringe muito porque eu dependo de outros agentes de táxi, de uma filha para me levar. Meu dia-a-dia está muito condicionado a essa restrição de vitalidade e dentro desse quadro eu tenho uma rotina. Acordo leio jornais para me inteirar do que está acontecendo, não posso me isolar do que está acontecendo do lado de fora, depois vou na internet. Aí a parte da manhã já foi praticamente embora, aí eu descanso, saio. Estou a 4 meses sem ir para lugar nenhum, mas não reclamo porque isso é o momento que eu estou vivendo. E a grande novidade que tem é que eu criei um hábito de todas as noites, por volta de 11 horas eu leio até 1 hora da manhã. Eu não tenho preocupação. Eu vejo documentários, ouço música.

Eu vejo que a informação está muito presente na sua vida.

Muito importante. Eu não vivo mais sem a assinatura de um jornal da cidade. Eu acho que isso é uma consequência desse meu isolamento imposto. Já a TV eu praticamente nem ligo. Não tenho mais paciência. Acho atrasada. É aquela minha visão de comportamento seletista. Agora, me faltam pessoas para conversar. Eu sinto falta disso. Quando eu vou ao centro, aí eu me sinto como numa família. Ali eu me sinto energizado, mais leve. Só não vou mais porque dependo de quem me leve. Eu sinto que essa limitação física me atrapalha muito. Hoje eu sinto muito mais vontade de ser independente, de ter um carro, de me deslocar, do que na época que eu tinha carro.

É no centro que você tem uma vida social mais ativa?

Hoje eu estou sem amigos, não tenho ninguém. Não é bem uma vida social as pessoas lá estão nas suas atividades, nas suas obrigações. Mas é importante para mim. Eu estou numa fase em que estou me espiritualizando muito. Só que lá as pessoas se aproximam, me dão atenção.

Você percebe alguma relação, não sei se existe, entre este isolamento o amadurecimento pessoal que temos discutido?

Não, não. No meu caso não tem nada a ver. No meu caso é mais devido a meu problema de locomoção, as dores que sinto. Eu tenho uma placa na perna, eu sinto muito com a mudança do tempo. Eu hoje me preocupo muito com meu corpo. Eu mudei minha alimentação radicalmente. Eu evito fritura, hambúrguer, esses negócios. Eu estou me sentindo bem, mas, sinto meu corpo mais limitado.

Que sentido você vê neste cuidado com o corpo? Qual a importância disso para você?

Para mim veio como uma necessidade de ter uma melhor qualidade de vida. Então, por exemplo, eu não fumo, nunca fumei, não bebo. Então se eu sei, por exemplo, que uma bata frita faz mal eu não como. Hoje eu já me preocupo com exames de sangue, colesterol. Então o sentido é o seguinte, é eu cuidar mais de mim dentro das minhas possibilidades. Não ficar me prejudicando.

E nesse caso, você acha que tem alguma relação com o amadurecimento?

Claro. A vida é uma fonte de aprendizagem, de ensinamentos. Se você sabe que quando era mais jovem não tinha esse estímulo conscientizado do que é bom e ruim para você, com a maturidade, hoje, com as informações que você tem, então, isso aí é do amadurecimento. Com o amadurecimento você se integra, você cresce, né? Eu considero que nós somos os maiores beneficiados com o amadurecimento.

Você acha que essa maior necessidade de cuidados com o corpo que você vem encontrando passa pelo amadurecimento de seu corpo também? O que você pensa que acontece com o corpo?

Eu acho que é uma questão de vitalidade, de... Por exemplo, uma coisa que me impressiona muito é que eu nunca me senti com a minha idade. Nunca. Hoje, eu estou tendo a preocupação. Quase rotineiramente eu pergunto assim: Ah, quantos anos você acha que eu tenho? Qual você acha que é a minha idade. Então, eu acho que está ligado com a maturidade que eu atingi. Eu vejo que é uma caminhada muito grande e eu vejo esses problemas com o corpo, essas transformações. Então, o que mexeu muito comigo é quando eu acordo pela manhã e olho pelo espelho a minha pele. Isso me derruba um pouco. Eu acho a minha pele muito mal tratada. Então hoje, já tem uns cinco meses, que eu recorro a um creme, faço uma limpeza. Eu estou me sentindo melhor com isso. Se eu não fizesse isso eu estaria muito mal. É uma consequência das minhas condições orgânicas, biológicas.

E como você se sente? Qual é o sentimento que te vem quando percebe essas transformações em seu corpo?

O sentimento é o seguinte... é de responsabilidade de cuidar mais de mim. Eu acho que eu sou o único responsável por mim. Se eu não cuidar de mim... Dentro das minhas possibilidades eu tenho que investir em mim. Agora, é evidente que eu não posso fazer o que eu gostaria de fazer, não é? Gostaria de ter mais recursos para poder cuidar mais de mim. Isso para eu viver mais e com maior qualidade de vida. O custo do isolamento ainda está me incomodando muito.

Você havia me falado de vitalidade. Poderia me falar um pouco mais sobre isso?

Eu considero a vitalidade um resultado de como você trata do seu corpo. Se eu não me cuidar, minha vitalidade vai reduzir. A vitalidade seria essa resposta do corpo quando você está investindo nele. O caminho que eu estou usando agora é alimentação.

Para você, você acha que tem alguma relação entre vitalidade e idade?

Necessariamente não. Você pode ser mais velho do que eu e ter uma vitalidade maior do que a minha. A vitalidade tem mais a ver com o se sentir bem.

Se entendi bem, você está dizendo que a vitalidade tem a ver com o sentido que você dá a sua vida e ao seu corpo.

Isso. É uma resposta do que você oferece a seu corpo.

Só para fechar essa questão da rotina. Você se diria satisfeito com sua rotina?

Não. Eu queria mais liberdade. Precisava me locomover, fazer o que quero sem depender dos outros. Eu me sinto muito só nesse momento. Mas não fico reclamando. Eu acho que isso faz parte, e aí vem a questão da maturidade, faz parte do momento que estou vivendo.

Continuando a falar de mudança. Com relação ao seu papel na sociedade. Você percebe transformação nesse papel?

O meu papel social hoje está praticamente zero. Eu já tive uma participação muito maior. Eu sinto falta disso. Sou muito isolado. Quando eu trabalhava era uma fase da vida em que eu atuava, fazia palestra, saía, viajava. Eu me sentia mais útil, né? Atualmente eu não tenho papel social nenhum.

E com relação à família?

A família é o grande tesouro que tenho. É o que me sustenta. Me completa. Eu sinto muito orgulho de minhas filhas, de minha mulher. Sem eles minha vida não tinha sentido.

A gente falou de várias esferas da vida. Pensando nisso, qual sentido você acha que sua vida tem?

O sentido da necessidade de me valorizar mais. Me conhecer mais. Eu tenho essa responsabilidade. Isso depende de mim. Esse é o sentido da minha vida. Independente de tudo, de filho, de família. Se eu não der valor, não tem sentido a minha vida. Eu acho que nessa vida nós temos valiosas oportunidades de crescimento e de responsabilidade de crescimento. Agora com a maturidade estou valorizando mais isso. Está mais presente na minha vida.

Vamos mudar um pouco o foco. Você convive com pessoas de outras gerações?

Poucas pessoas. No centro, eu percebo que convivo mais com jovens do que com pessoas da minha idade. Os jovens se aproximam mais de mim. Não sei porque. Não sei o que vêem em mim. Eu gosto disso.

Você percebe choque, conflitos de valores entre as gerações?

Não. Comigo não tem conflito não. Eu busco aceitar as informações do jovem, mesmo que não aceite. Eu não entro em conflito, não discuto. Eu percebo que me valorizam pela minha experiência. Na sociedade, pelo que eu presencio, eu acho que é o contrario do que acontece comigo. Eu acho que há muito choque, preconceito. Eu acho que o jovem é discriminado pelos mais velhos. Não aceitam determinados valores e eu acho isso ruim. Quando eu fui jovem eu não tinha as informações que vocês têm hoje. Então eu tenho que me adequar a isso. O mundo hoje, em termos de informação, é totalmente diferente de quando eu era jovem. E eu percebo que os mais velhos que não atentaram para isso fazem critica, discriminam, não aceitam. Por exemplo, o problema da tatuagem. A primeira vez que vi eu me choquei. Hoje eu acho que é uma coisa natural, acho que é muito importante. Outro dia tive vontade de fazer. Eu acho que quem faz, aquilo teve uma motivação muito especial para ele. Eu acho que a dificuldade entre as relações é muito por falta informação dos mais velhos. Acho que os mais jovens respeitam mais as diferenças dos mais velhos. É aquela história que já falei. Os orientais valorizam mais os mais velhos.

Você acha que isso se aplica a nossa realidade também?

Não, mas está começando comigo também. Eu quando vejo um documentário com alguém, um artista, por exemplo, Paulo Outram, eu paro, quero ver, presto atenção. E também já vi jovem elogiar isso. É uma tendência, embora não se compare com a cultura oriental.

Você percebe uma melhora nesse sentido.

Percebo. Eu vejo aqui na minha quadra o jovem cuidando do mais velho. Eu associo isso à individualidade de cada um. É uma questão pessoal, de índole.

Na sua opinião quais seriam os passos necessários para que este convívio entre as gerações seja mais prazeroso, mais rico?

Eu acho que tinha que ter mais informações das autoridades, do governo. Principalmente nas informações nas escolas. Tinha que haver um ensino básico falando da importância disso. Acho que o governo é muito omissos nisso.

Se você tivesse que eleger o período mais importante da vida. Qual seria?

Todos os momentos da minha vida são importantes. Não elejo um. O agora é importante.

Uma pergunta bem direta. O que você acha do envelhecimento, desse processo?

Eu acho triste, não gosto dele. Não me sinto bem. Aí aquele choque psicológico que eu não pesquisei, não procurei nenhum especialista para isso. Me incomoda chegar no espelho e ver meu corpo modificado, o cansaço que eu já tenho, a resistência que eu tenho diminuída. Eu fico triste. Eu fico empolgado quando vejo alguma notícia futurista de que se estão descobrindo recursos na medicina para a vida eterna, para aumentar a faixa etária das pessoas. Eu acho que o governo tinha que investir mais nisso. Nos centros de pesquisa. Eu não gosto de viver essa transformação. Me incomoda muito. O que me ajuda é que eu não me sinto na minha idade, mas eu não sei qual é a consequência que isso vai ter comigo. Estou tentando me preparar psicologicamente para isso.

E como você acha que os outros percebem esse processo?

Eu acho que isso é de acordo com a experiência e conquista de cada um. É um processo só individual. Eu me sinto triste com isso. Só pelo corpo, não pelo psíquico. Em uma pequena caminhada eu canso. Eu não me sinto preparado psicologicamente para me sentir velho. Pelo contrario, eu quero me sentir mais jovem.

Se sentir velho é muito ruim.

Para mim é. Eu acho que a velhice tem muita ligação com o final de um ciclo de vida. Eu não estou preparado para isso. Eu acho que é muito delicado principalmente no nosso país, porque o velho vai ficando isolado com ele mesmo, no silencio dele. Eu tenho a preocupação de não querer incomodar os outros quando ficar muito velho. Não quero ser um peso. O asilo para mim é algo muito precário e triste na nossa cultura, na nossa sociedade. Eu tenho que me preparar mais para a velhice.

Você pensa que a velhice está associada ao isolamento social?

Pelo que eu vejo eu acho que tem muito, dentro de nosso contexto social e cultural. Mas isso não quer dizer que todo velho se sente isolado. Individualmente não há uma relação absoluta. Em termos de cultura sim. O velho vai ficando isolado. O dia-a-dia é corrido. Não se tem tempo para dar atenção ao mais velho. É o trabalho, não se tem paciência, a filha não tem paciência, tem suas obrigações. É uma imposição da própria vida. É uma questão de sobrevivência. Você não tem tempo para dar atenção ao velho e ele se isola. Não pela idade, mas pela cultura. O velho não é investido pela autoridade, não há uma política social eficiente. Numa fila do banco nem todo mundo dá prioridade. É uma questão de educação.

Você acha que tem a ver com o valor que a sociedade de uma forma geral atribui às pessoas mais velhas?

É, eu acho que é consequência da falta de uma política de valorização do mais velho. Então você não dá atenção pelo corre-corre da vida. Então ele fica na televisão fazendo crochê ou deitado numa cama. Agora não vamos culpar ele. É porque o velho não tem oportunidades. Eu acho que a inclusão do velho já deveria estar acontecendo há muito tempo. Me dá uma sensação de atraso ser assim. Ainda está muito no esboço. É

praticamente zero. Me entristece. Em outros países, em países da Europa, o velho está em situação de assistência muito maior. É triste.

A TV, os jornais, a internete, falam muita coisa sobre a vida, sobre o cotidiano. Como você acha que os meios de comunicação estão tratando os mais velhos?

Olha eu acho que não estão tratando. Quando lembram dos mais velhos é para fazer sensacionalismo. É com exploração, com desrespeito. Não dão nenhum valor ao mais velho.

Você acha que esse tipo de postura interfere no dia-a-dia das pessoas mais velhas e de quem convive com as pessoas mais velhas?

Sim. Como frustração e revolta. Você só é lembrado como exploração de alguma forma. Não só da sua idade, mas, às vezes, até ridicularizando. Eu acho que não se preocupam em valorizar a experiência do velho. A lembrança é uma exceção. Tem muita exclusão social. É muito visível muito evidente. Não existem programas de entrevista com velhos, com assuntos sobre os velhos. Você não pega, por exemplo, um apresentador de tv mais velho, pega o jovem. Os artistas da minha época que fizeram escolas de teatro hoje pela idade, pela imagem, pelo rosto envelhecido, são substituídos. Vem gente nova, como Malhação, que chega a ficar no horário nobre, em evidência. Aquele velho fica esquecido.

Você tocou num ponto que seria a exclusão pelo corpo, pela imagem do envelhecimento. É como se a juventude que fosse bela?

É isso mesmo. São os padrões estéticos. A velhice está fora dos padrões estéticos.

Se você pudesse passar alguma mensagem para os donos dos meios de comunicação, o que você falaria.

Falaria da necessidade de se investir nisso. De se preocupar mais com isso. Com entrevistas, programas específicos em que o mais experiente pudesse dar uma contribuição. Interagindo com os jovens, também. Eu acho que isso está abandonado. Eu procuraria despertar a necessidade de se investir nisso. Eu não vejo o convívio entre as gerações nos meios de comunicação.

c. Entrevista - Transcrição da segunda sessão

1. Achei esteticamente boa a imagem, mas visualmente não tive de imediato a idéia de que se tratava, ou seja, que era sobre fraude geriátrica, o que só percebi lendo o texto. Quanto ao papel do idoso, na foto, vendo agora já condicionado ao produto oferecido, não achei não muito adequada a utilização da presença da neta, pois a mensagem visual da foto, expressando momento de descontração, em princípio, na minha avaliação, nada tem haver com o produto (fralda geriátrica), pois necessariamente a mensagem de alegria e descontração, no contexto figurativo, não apresenta uma relação direta entre – alegria e proteção. Entendo que melhor seria a utilização do oferecimento do produto com outra mensagem. Por exemplo: Um idoso em um leito, ou situação de pouca liberdade em contraste com outra, de oferecimento de mais independência provocada pela fraude. Destaco que não achei apelativa. O efeito que me provocou certamente não corresponde ao desejado pelo idealizador da publicidade, pois não tive de imediato o estímulo visual de que se tratava de oferecimento de um produto tão importante para os idosos. Como idoso, fiquei satisfeito com a iniciativa da mensagem, principalmente porque não a considerei apelativa.
2. Não gostei da publicidade, principalmente por ser nitidamente apelativa em relação a um detalhe que me chamou a atenção: considerei apelativa em relação ao “sonho” de todo indivíduo que ainda não teve condições de ter uma casa com o carro na garagem. Acho importante esta explicação, porque na minha opinião a mensagem visual não explorou apenas a imagem do idoso (como geralmente acontece), mas uma questão mais delicada: os nossos sonhos, que com a avanço da idade se apresentam enolto da “desesperança” de serem alcançados. Também não gostei da apelação representada pela condicionante “só o nosso banco proporciona isto”. Além disso, me entristece a mensagem porque a oportunidade de se conseguir um imóvel (independente da idade) é obrigação do Estado. Portanto, causou-me o efeito de “exploração apelativa e comercial de uma conceituada instituição bancária” e o sentimento de tristeza decorrente das nossas condições sociais que são da responsabilidade das autoridades publicas.
3. Até agora foi a melhor mensagem de publicidade, não só pela imagem transmitida mas, principalmente pelo conteúdo da mensagem. O que me chamou atenção foi a inteligente associação das duas imagens com a natureza da atividade exercida em cada fase da vida. A jovem ligada à profissão de caminhoneiro e a do idoso à de, de modo sugestivo, ligada a de “contador de história”. O efeito altamente positivo que me foi passado resume-se na certeza de que, havendo oportunidades, em todas as fases da nossa vida poderemos ser úteis para nós mesmos, principalmente em termos de ocupação, e para o próximo. Resumindo: Não tem nada de apelativo e me

causou uma boa sensação interior ao provar que o idoso, tendo oportunidades, pode ser ocupado e valorizado.

4. Gostei da mensagem quando associa a imagem da família, como um todo, ao oferecimento de “condições de bem estar” mediante serviços relacionados com esses problemas que surgem em uma casa. Na minha avaliação, não houve a exploração da imagem do idoso, pois percebi a intenção dos seus idealizadores no sentido de colocar um casal de velhos com beneficiados na condição de membros da família. Me passou a sensação conseguir a solução desses problemas, através da referida empresa que prometeu a condição de “bem estar” de todos os membros da família e não da sua capacidade profissional.
5. Como se trata da mesma propaganda, resumiria o comentário feito anteriormente com esta frase: “A descoberta da valoração do idoso, como ser humano e como potencial de fonte de experiência, depende apenas do oferecimento de oportunidades de inteiração na sociedade”.
6. Trata-se de mais uma costumeira apelação com as marcas deixadas pelo avanço da idade. A mensagem contém uma expressão de choque – “antiidade” que, reconheço, funciona de forma “atrativa” no seu contexto. Apesar desta observação (ou seja, de ser apelativa em relação aos sinais estéticos do envelhecimento), não me causou sentimento de revolta. Acho que esta afirmação decorre do fato de que a “apelação” não é com uma imagem do idoso, aparentemente sem sentido no conjunto. Refere-se a uma apelação de certa forma positiva, porque promete um tratamento de revitalização facial. Gostei da publicidade, pois não tive a sensação de que está direcionada para a nossa vaidade e sim para um recurso destinado à revitalização. Só acho que nem todos vão entender o efeito do uso da expressão “antiidade”, como eu entendi.
7. Não gostei da publicidade, porque a “apelação” está centrada no corpo de uma jovem, embora aceite o efeito da frase que afirma precisar ser usado o documento para provar a idade. Sob um enfoque de efeito visual, prefiro este tipo do que aquele que coloca ao lado das pessoas as palavras “antes” e “depois”.
8. Trata-se de mais uma publicidade “apelativa” que, por coincidência, como acabei de falar, me incomoda pelo uso das imagens do “antes” e do “depois”. Está direcionada exclusivamente para o sentimento de vaidade e não me inspira “seriedade”, pois a mensagem transmite da sensação do alcance de um resultado “milagroso”. Acredito que isto decorre da informação que tenho, no sentido de que cientificamente ainda não foi encontrado um tratamento eficaz para a calvice.
9. Gostei da mensagem visual e do modo como foi escrito o oferecimento dos serviços dessa especialidade. Não achei apelativa a imagem da mãe ao lado

da filha, em um conjunto harmônico. Em outras palavras: não é apelativa porque, na minha avaliação, não recorre à formas de comparações entre as duas pessoas.

10. Gostei da mensagem visual porque faz uso dos sinais de uma idade que são suavizados, de forma positiva, pela expressão facial e corpórea de uma idosa. Não explorou o idoso de forma traumática. Me passou energia, bem-estar, de forma contagiante. Foram felizes nessa escolha.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GARRIDO, Regiane e MENEZES, Paulo R. O Brasil está envelhecendo: boas e más notícias por uma perspectiva epidemiológica. Ver. Brás. Psiquiatr. abr. 2002, vol. 24supl. 1, p. 3-6.

MINISTERIO DA SAUDE. Estatuto do idoso. Brasília: Ministério da Saúde, 2005.

_____. Redes Estaduais de Atenção à Saúde do Idoso: Guia operacional e portarias relacionadas – Brasília: Ministério da Saúde, 2002.

_____. Indicadores Demográficos Oficiais: Índice de envelhecimento, proporção de idosos na população, esperança de vida aos 60 anos de idade. Disponível em: www.datasus.gov.br. Acesso em: 15 de outubro de 2005.

MUCHINIK, Eva, *Envejecer em el Siglo XXI: História e perspectivas de la vejez*, Editorial Lugar, 2005.

NEUBERN, M, *Complexidade e psicologia clínica: desafios epistemológicos*, Editora Plano, Brasília, 2004.

OPAS. SABE – Saúde, Bem-Estar e Envelhecimento – O Projeto Sabe no Município de São Paulo: uma abordagem inicial.

PNUD. Violência Contra Idosos: O Averso do Respeito à Experiência e à Sabedoria – Secretaria Especial dos Direitos Humanos e Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento, 2004.

REY, Fernando, *Pesquisa qualitativa em psicologia*, Editora Thompson, São Paulo, 2002.

_____. *Sujeito e subjetividade*, Editora Thompson, São Paulo, 2003.

_____. *O social na Psicologia e a Psicologia Social: Emergência do Sujeito*, Editora Vozes, 2004.

_____. *Subjetividade, Complexidade e Pesquisa em Psicologia*. São Paulo: Editora Thomson, 2005.

ROSO, Adriane, STREY, Marlene Neves, GUARESCHI, Pedrinho et al. Cultura e ideologia: a mídia revelando estereótipos raciais de gênero. Psicol. Soc., jul/dez. 2002, vol. 14, nº 2, p. 74-94. ISSN 0102-7182.

SCHNITMAN, Dora, *Novos paradigmas, cultura e subjetividade*, Editora Artmed, Porto Alegre, 1996.

UCHOA, Elizabeth. *Contribuições da antropologia para uma abordagem das questões relativas à saúde do idoso*. Cad. Saúde Pública, jun. 2003, vol. 19, p.849-853.

UNB. Revista Humanidades: Terceira Idade. Brasília: Editora UNB, 1999.

VELOZ, Maria Cristina Trigueiro, NASCIMENTO-SCHULZE, Clélia Maria e CAMARGO, Brígido vizeu. *Representações sociais do envelhecimento*. Psicol. Reflex. Crit., 1999, vol. 12. n 2, p 479- 501.

VERAS, Renato P., RAMOS, Luiz Roberto e KALACHE, Alexandre. *Crescimento da população idosa no Brasil: transformações e conseqüências na sociedade*. Ver. Saúde Pública, jun. 1987, vol 21. n 3, p.225-233.

